

MODERNIDADE EM ATOS

ANA PAULA OLIVEIRA FARIA

Ana Paula Oliveira Faria
Orientação: Maíra Teixeira Pereira

Trabalho de graduação apresentado no curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Estadual de Goiás sob orientação da professora Maíra Teixeira Pereira

MODERNIDADE EM ATOS

Anápolis, 2020



SUMÁRIO

1° ATO

DA MODERNIDADE ÀS GRANDES SALAS6

2° ATO

EM BUSCA DO MODERNO.....	15
RUMO AO CERRADO.....	20
FRANCISCO "CHIQUITO" GARCEZ: O FOTÓGRAFO.....	29
O ESPAÇO.....	34
REFERÊNCIAS PROJETUAIS.....	43

3° ATO

NOÇÕES E PROCESSOS PROJETUAIS.....	55
O PROJETO.....	75
REFERÊNCIAS.....	56



1^o ATO

DA MODERNIDADE ÀS GRANDES SALAS

Pensando nos antigos edifícios que ainda permanecem na cidade de Anápolis, esses ricos em histórias que ecoam em suas paredes e pisos, a proposta desse trabalho de conclusão do curso foca em intervir num antigo cineteatro, o Cine Santa Maria (1962). Cinema que teve momentos de glória no imaginário popular da época. Para complementar o programa também será proposto todo um complexo cultural em torno do edifício pré-existente. A partir disso é necessário ressaltar todos os pormenores que desencadearam na proposta citada.

O conceito de modernidade, mais próximo do discutido atualmente, tem seu notável registro histórico por Baudelaire no século XIX, em seu artigo *Le Peintre de La*

Vie Moderne. O termo teve uma certa repercussão limitada a determinados ambientes (literário e artístico), depois reapareceu com ampla difusão após a Segunda Guerra Mundial. (GOFF, 1990)

Mesmo sendo utilizada como termo por Baudelaire no século XIX, a ideia em si do moderno vinha de muito antes, tendo registros na Roma antiga, quando ocorre a queda do Império Romano, no século V. A concepção do moderno tem se manifestado em dualidade com o antigo, opondo-se um ao outro (LEFEBVRE 1969; GOFF, 1990). De acordo com LeGoff “a consciência da modernidade nasce com a ruptura do passado” (1990, p. 170). Porém não se retém à simplicidade de ser apenas o novo. A modernidade é a contradição de



Figura 1: Estação Ferroviária “Prefeito José Fernandes Valente”. Fotografia de Francisco Garcez. Fonte: Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural JanMagalinsk.

ideias que correlaciona o novo com o antigo, é o período de mudanças as quais a sociedade se submete e toma consciência das rupturas que possui com o passado, assumindo-as.

Partindo desses princípios, Berman (1986) divide a história da modernidade, para mais fácil controle sobre o assunto, em três fases: a primeira do início do século XVI até o fim do século XVIII; a segunda com a Revolução Francesa e suas repercussões; e a terceira e última no século XX, quando o processo de modernização se expande.

Partindo dessa premissa o foco é a última fase, nessa fase tem-se um mundo pós Revolução Industrial. A industrialização se demonstra como “pedra de toque da mo-

dernidade” (GOFF, 1990, p.193). Com as novas invenções, as máquinas a vapor, eletricidade, novos meios de transporte e novos meios de entretenimento, a sociedade passa a se transformar necessitando de evoluções. Uma dessas transformações se dá pelo comportamento. Os novos meios de lazer advindos da eletricidade passam a transformar a vida das pessoas (SEVCENKO, 2001). Os parques de diversões e principalmente o cinema passam a fazer parte da rotina da sociedade da época (fim do século XIX).

Nesse contexto ocorre a primeira exibição de um filme de apenas três minutos do que viria a ser chamado de cinema, em 1895, na França. O desenvolvimento desta arte foi eminente. Quase sete meses

após a criação do cinematógrafo¹, o primeiro filme é exibido no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. A partir deste acontecimento as cidades brasileiras se interessam por essa atração e adquirem cinematógrafos. Em sequência a cidade de São Paulo passa a exibir curtas para a população.

Não tardaria para que os novos meios de entretenimento chegassem a Goiás. O estado passa a sofrer influências do discurso da modernidade num período entre 1909 e 1960 (POLONIAL, 2000). A primeira exibição de filmes ocorreu em 1909 na antiga capital Villa Boa de Goyaz, no então Theatro São Joaquim. Nos anos seguintes outros cinemas passaram pela cidade, alguns fecharam, alguns continuaram com outros nomes, mas não deixaram de consolidar essa mais nova forma de entretenimento. Em 1911 ocorre a chegada da ferrovia no estado, fato que muda o cotidiano de diversas famílias, toda uma coletividade fica à espera do advento da industrialização e tudo que isso representará na modernização do estado. Após este ano ocorre um grande período de mudanças aos quais estão crescimento populacional, aumento das atividades comerciais e reformas urbanas entre outras, afetando vários campos, como político e econômico até o cultural (POLONIAL, 2000).

Anápolis se demonstra como uma cidade com características que possibilitavam o potencial crescimento moderno, a partir da chegada de premissas do novo a cidade se concentra em progredir. A chegada da Estrada de Ferro, a chegada da luz elétrica, a inclusão na rota do correio aéreo, as novas

relações políticas, econômicas e sociais, as diversas mudanças nas estruturas goianas. De acordo com Silva “este foi o ambiente propício para a difusão do cinema em Anápolis.” (2019, p. 125)

Dados históricos apontam que o primeiro cinema da cidade foi inaugurado em 1924, se chamava Cine Bruno e funcionava onde hoje é o Itamaraty Hotel. Esse cinema era bem simples e caracterizava-se por um barracão onde nem haviam assentos fixos, as pessoas simplesmente reuniam-se e assistiam filmes. Ao longo do tempo esse interesse pela arte não cessou. Vários outros cinemas foram sendo construídos.

Nessas circunstâncias a aparência da cidade, também, era uma grande questão. A arquitetura passa a sofrer alterações formais, estruturais e estéticas, ser uma cidade moderna significava aderir aos novos estilos arquitetônicos vigentes da época.

Com a implantação da nova capital do estado de Goiás, Anápolis se vê mais compelida ao moderno, se ligando as concepções do *art decó* e os avanços construtivos (CAIXETA, 2015).

Na década de 1930 chega em Anápolis Francisco Garcez (* - 1979), nascido em Minas Gérias. Tal personagem foi importantíssimo no cenário histórico da cidade quando o assunto foi as artes. Em suas principais fotografias é perceptível seu empenho por mostrar as características modernas da cidade de Anápolis. Imagens de edifícios no estilo *art decó*, de estações ferroviárias, avenidas, praças e ruas importantes da cidade, foram registradas por ele, como é possível notar nas figuras ao lado.



Figura 2: Praça do Coreto; a esquerda em frente à praça, antigo Cine Teatro Imperial. Fotografia de Francisco Garcez. Fonte: Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural JanMagalinsk.



Figura 3: Construção no Estilo Art Déco. Fotografia de Francisco Garcez. Fonte: Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural JanMagalinsk.

Outro fato significativo nesse contexto, foi a vinda de três atrizes americanas, entre as décadas de 1930 e 1950, que decidiram desbravar o interior do Brasil. São elas: Joan Lowell (1902 - 1967), Janet Gaynor (1906 - 1984) e Mary Martin (1913 - 1990), astros de Hollywood.

As construções que já foram cinemas ainda existem na cidade, porém com usos diferentes do que eram propostos originalmente. Igrejas, estacionamentos e galerias, são alguns dos novos programas que tomaram seus antigos propósitos.

Sendo assim, o principal objetivo desse trabalho é mostrar como o cinema - em toda a sua significância: espaço onde assiste, técnica e arte - faz parte da cultura Anapolina. A importância histórica que esse equipamento tem para a cidade e sua população.

A proposta desse trabalho é a de intervenção no Cine Santa Maria. O lote

atravessa a quadra, tendo acesso às duas ruas, a Rua Dr. Genserico, antiga entrada do cinema e a Rua Des. Jaime, antiga saída do cinema, figuras 4 e 6; 5 e 7. O local hoje em dia é utilizado como um estacionamento que sequer demonstra o verdadeiro objetivo para o qual foi criado.

O projeto para o programa é de transformar o local citado em um cinema novamente, utilizando todas as características e detalhes ainda existentes. Também ampliar o local, com o projeto de um anexo, onde funcionará um museu da fotografia em homenagem a Francisco Garcez e à modernidade, reproduzido nas suas fotografias, além de uma escola de artes voltada para cinema e fotografia, na qual ocorrerá diversas oficinas e serão ensinadas técnicas básicas para o aprendizado dessas duas formas de arte.

¹ Aparelho destinado a registrar imagens e projetá-las de forma animada; em 1895 os irmãos Lumière apresentam seu aparelho de projeção. Será explicado no seu contexto na primeira parte do 2º ATO.



Figura 6: Desenho da fachada da frente, antigo Cine Teatro Santa Maria. Fonte: Imagem autoral.

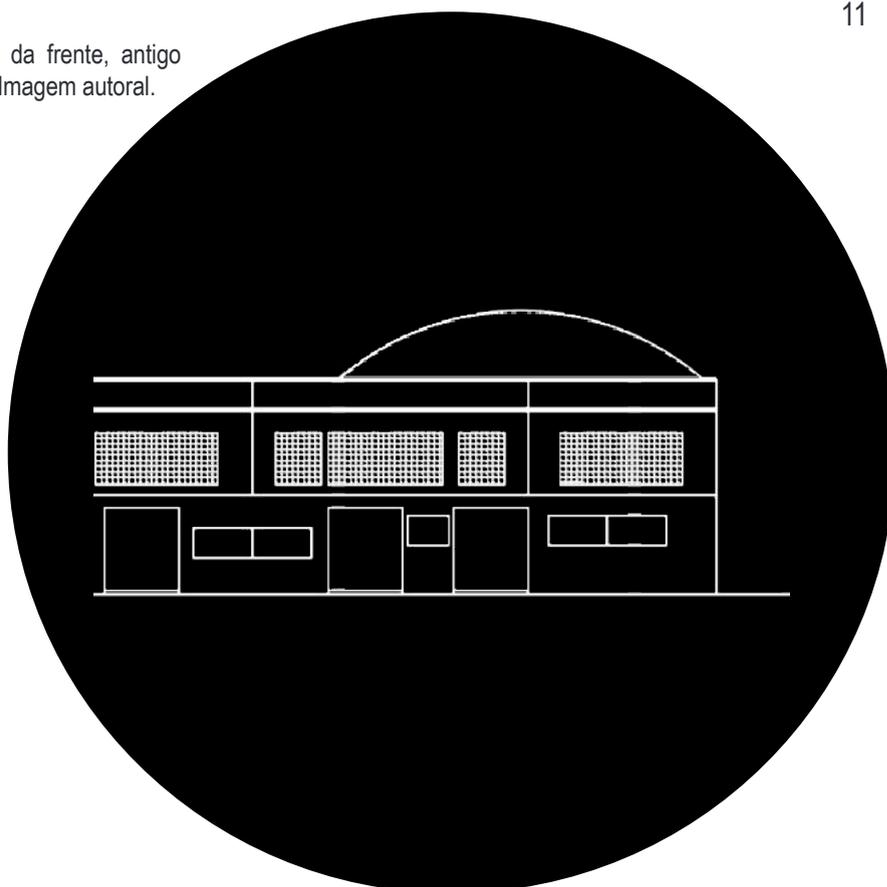


Figura 7: Desenho da fachada dos fundos, antigo Cine Teatro Santa Maria. Fonte: Imagem autoral.

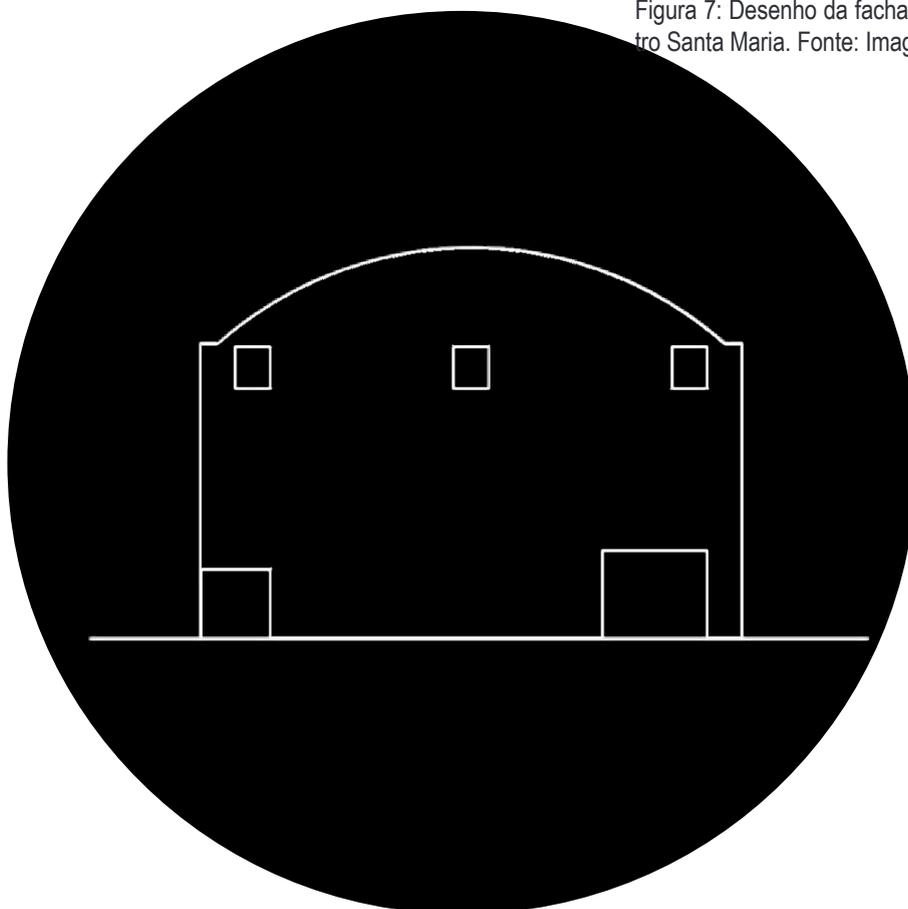


Figura 4 (ao lado): Fachada de entrada, antigo Cine Teatro Santa Maria. Fonte: Foto autoral.
Figura 5 (ao lado): Fachada dos fundos, antigo Cine Teatro Santa Maria. Fonte: Foto autoral.

CRONOLOGIA DO TEMPO

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL (XVIII - XIX).
 PRIMEIRA EXIBIÇÃO PÚBLICA DE UM FILME NO BRASIL, RIO DE JANEIRO, 1896.
 CHEGADA DA FERROVIA NO ESTADO DE GOIÁS, 1911.



PRIMEIRA EXIBIÇÃO PÚBLICA DE UM FILME, PARIS, FRANÇA, 1895.



PRIMEIRA EXIBIÇÃO PÚBLICA DE UM FILME EM GOIÁS, CIDADE DE GOIÁS, 1909.



PRIMEIRO CINEMA DA CIDADE DE ANÁPOUS, GOIÁS, CINE BRUNO, 1924.

Figura 8: Gravura representando uma fábrica com operários durante a Revolução Industrial. Fonte: <https://www.trabalhoscolares.net/resumo-revolucao-industrial/>; Figura 9: Cena do filme "A saída dos operários da fábrica". Fonte: <https://www.minhaseriefavorita.com/2019/03/12/voce-sabe-como-o-cinema-surgiu/>; Figura 10: Chegada do cinematógrafo ao Brasil, no Rio de Janeiro, ao lado o italiano Afonso Segreto. Fonte: <https://tudoqueevintage.wordpress.com/2012/06/19/ao-cinema-do-brasil/>; Figura 11: Antigo Theatro São Joaquim. Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_1YD3oWvu4/Sg8GVqbLCLI/AAAAAAAAALQ/8sVpUtTKw5k/s1600h/100+anos+do+Cinema+em+Goi%C3%83%C2%A1s+002.jpg; Figura 12: Abastecimento de um trem em Goiás. Fonte: MARINHO, 2017; Figura 13: Localização do antigo Cine Bruno, atualmente é onde se encontra o Hotel Itamaraty. Fonte: Imagem autoral.

EXPOSITION INTERNATIONALE DES
ARTS DÉCORATIFS MODERNES.
EM PARIS, FRANÇA, 1925.

CHEGADA DA ESTRADA DE FERRO À
CIDADE DE ANÁPOLIS, GOIÁS 1935.

INAUGURAÇÃO DO CINE TEATRO
SANTA MARIA NA CIDADE DE
ANÁPOLIS, 1962.



CHEGADA DO FOTÓGRAFO FRAN-
CISCO GARCEZ À ANÁPOLIS,
GOIÁS, DÉCADA DE 1930.

INAUGURAÇÃO DO CINE TEATRO
IMPERIAL NA CIDADE DE ANÁ-
POLIS, GOIÁS, 1936.

ESTACIONAMENTO SANTA
MARIA, ANÁPOLIS, GOI-
ÁS, 2019.

Figura 14: Um dos primeiros projetos do estilo *art déco*, Estação Central de Helsinque, Finlândia. Fonte: http://brasilisnet.com/wp-content/uploads/2019/08/Helsinki_Central_Train_Station_01.jpg; Figura 15: Auto-retrato Francisco Chiquito Garcez. Fonte: Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural JanMagalinsk; Figura 16: Trilhos e trem na estrada de ferro em Anápolis, Goiás. Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efgoiaz/anapolis.htm>; Figura 17: Antigo Cine Teatro Imperial, atualmente é um restaurante. Fonte: Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural JanMagalinsk; Figura 18: Aberturas da sala de projeção do antigo Cine Teatro Imperial. Fonte: Imagem autoral. Figura 19: Fachada atual do antigo Cine Teatro Santa Maria.



2^o ATO

EM BUSCA DO MODERNO

No século XX, quando o processo de modernização se expande o mundo todo abraça o modernismo (BERMAN, 1986). As novas tecnologias advindas do mundo pós Revolução Industrial geram mudanças de comportamento e pensamento que afetam a então sociedade da época. O mundo possui quantidade e variedade, os meios de transporte são outros, há agora estradas de ferro, máquinas a vapor, eletricidade e veículos mais rápidos de informações.

Nesse sentido, o que é moderno se define como o pensar no corpo social em suas atuais conjecturas² rompendo com todas as propriedades as quais o mundo já havia passado. É inserir um novo meio de agir, progredindo. De acordo com Berman,

é o “perpétuo estado de vir-a-ser” (1986, p. 16).

Nesse contexto, a população operária que ascendia graças às lutas constantes por melhores direitos trabalhistas consegue tempo livre, como férias e folgas, e necessita de meios de lazer, já que os teatros e óperas eram voltados para famílias ricas (SEVCENKO, 2001). Daí o cinema surge, forma barata e potencializadora de emoções, que atrai toda essa população. De acordo com Benjamin (1987), o cinema manifesta-se como a forma de arte que mais representa o homem desse século e mais o afeta.

O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técni-



Figura 20: Cena do filme “A saída dos operários da fábrica”. Fonte: <https://www.sagicapriprodutora.com.br/blog/a-historia-do-cinema-tudo-o-que-voce-precisa-saber-guia-completo-2>.

nico cujo papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana. Fazer do gigantesco aparelho técnico do nosso tempo o objeto das inerações humanas – é essa a tarefa histórica cuja realização dá ao cinema o seu verdadeiro sentido (BENJAMIN, 1987, p.174).

A primeira exibição pública do que viria a ser chamado de cinema ocorreu no Salão Grand Café, em Paris, na França, em 28 de dezembro de 1895. Os irmãos Auguste Lumière (1862-1954) e Louis Lumière (1864-1948), foram os responsáveis pela invenção do cinematógrafo, um aparelho que permitia gravar e projetar imagens. Sempre houve muito interesse dos dois por fotografia, resultando na bus-

ca por uma invenção em que fosse possível registrar movimentos de maneira prática.

As primeiras exibições em 1895 consistiam em cenas cotidianas e tinham no máximo 3 minutos de duração. Foram projetados 10 filmes, entre eles “A Chegada do Trem à Estação de La Ciotat” e “A Saída dos Operários da Fábrica” (Figura 20).

O cinema se demonstra como uma das melhores expressões da modernidade, ele reúne características cruciais a essa: o industrial, o cosmopolita e o social (SEVCENKO, 2001). Com ele e outros adventos dessa nova realidade é perceptível como a modernidade afeta o modo de vida dos homens e mulheres. Na so-

² Período que se caracteriza pelos avanços tecnológicos e aceleração das máquinas do século XIX e XX.

cidade em processo de mecanização, que o mundo está conhecendo, a população se adapta.

O moderno aparece cheio de intenções, oferecendo novas convenções à sociedade. Uma delas é a corrente *art déco*, que tem seus indícios de aparição em 1925, com diversas propostas na *Exposition Internationale des Arts Décoratifs Modernes*, em Paris, França. Houve uma grande produção voltada a decoração em geral (mobiliário e vestuário) e artes gráficas, mas que também sugeria propostas na arquitetura, de acordo com Manso (2004, p.11), tinha o objetivo de “reformular os conceitos estéticos impostos pelo *art nouveau* ou pelo ecletismo”. Porém o *art déco* só se consolida como estilo em 1968, quando o historiador inglês Bevis Hillier agrupa uma série de obras com as mesmas características produzidas no período entre guerras que seguiam e o estabelece como termo (RIVERA, 2017).

Nos novos conceitos propostos dessa arquitetura moderna predominam o estudo da volumetria dos edifícios, passando a pensar tridimensionalmente e não apenas bidimensionalmente, e questões relativas a sistemas construtivos e estruturais, como a utilização de materiais novos (relativos à época) tal quais o concreto armado e o ferro (MANSO, 2004).

O *art déco* define-se esteticamente pelo uso de figuras geométricas, simetria, linhas retas e formas que remetem a correntes do movimento moderno, como o futurismo e o cubismo. Acima de tudo o *art déco* é expressivo e grandioso, isso é demonstrado em di-

versos projetos, desde os menores e mais simples até os monumentais e ostensivos.

Vale ressaltar que o estilo é francês, se opondo ao desenho proposto pela Bauhaus, escola alemã. Os dois tinham o maior destaque no movimento moderno que estava surgindo na arquitetura. As duas correntes partiam do mesmo princípio em estruturas funcionais e técnicas construtivas, porém se distanciavam em algumas questões sociais-políticas, de acordo com Manso,

..., o que se contrapunha era o bom gosto francês ante o racionalismo alemão. Dessa forma, é compreensível que o primeiro se distancie do segundo. O primeiro propõe uma releitura atualizada da arquitetura historicamente em vigor, adaptando-se às condições de vida naquele momento de crise política e financeira, sem contudo se aprofundar nas questões sociais, políticas e ideológicas que o segundo tinha como base de suas indagações na busca de novas soluções. (2004, p. 11).

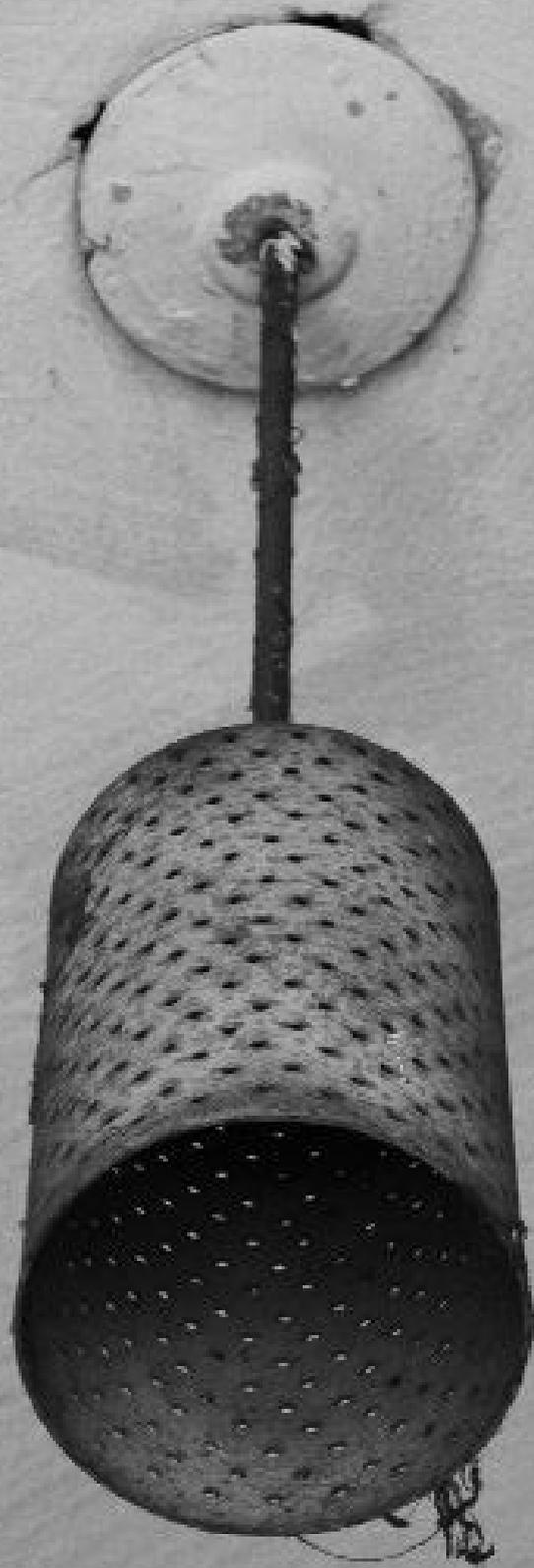
O *art déco* se associa à manifestação de progresso, isso graças ao fato de a França ter se saído vitoriosa na guerra, enquanto a Alemanha com o Bauhaus é a perdedora (NETO, 2006). Sendo assim, o estilo passa a ser amplamente utilizado em diversos países do mundo, principalmente nos Estados Unidos, tomando essa arquitetura como oficial. No Brasil, esse tipo de arquitetura se disseminou e vários estados o adotaram como tipo oficial de construção. Representando a ideia de progresso a qual se instalava com o governo do então presidente Getúlio Vargas (1882-

1954), o estilo era tido como centro de poder e foi utilizado em diversos edifícios públicos para demonstrar esse aspecto (MANSO, 2004).

Como um símbolo do moderno e do progresso e sendo a representação da era da máquina, o *art déco* se dissemina também na sétima arte, o cinema, e vai muito além dos figurinos e cenários, aqui o *art déco* se transpassa para os edifícios onde ocorriam as exposições dos filmes,

Desde o início dos anos 20, impulsionado pela situação privilegiada da indústria cinematográfica americana, o mercado de distribuição cresceu rapidamente e as salas de cinema se multiplicaram por toda parte, se tornando mais imponentes, suntuosas, edificadas segundo o código modernista e ousado do *art déco*. (SEVECENKO, 1998 p.598-9)

O cinema era tido como uma das melhores expressões do moderno, logo nada melhor que o associar ao estilo arquitetônico do moderno. Vários cinemas que foram inaugurados na época tinham o projeto baseado no bom gosto francês. O *art déco* se mostrava de forma suntuosa nas fachadas e decorações dos estabelecimentos. Além disso consolidava a ideia de progresso remetendo aos símbolos modernos, como as máquinas, a energia e a velocidade (RIVERA, 2017).



2^o ATO



RUMO AO CERRADO

No Brasil, a chegada do cinematógrafo não tardou. Em 8 de julho de 1896, quase sete meses após a exibição em Paris, no Rio de Janeiro ocorre a primeira sala de cinema aberta ao público, uma primeira sessão organizada pelos irmãos italianos Paschoal e Afonso Segreto. Esses foram os primeiros cineastas do país, responsáveis pelo curta mostrando a Baía de Guanabara, em 1898, mostrado na figura 21.

Em São Paulo também chega o cinematógrafo num contexto onde haviam diversas fábricas e um número considerável de habitantes (duzentos mil). Houve a formação de um circuito de lazer ao qual faziam parte também lanterna mágica e teatro animado e assim começou a passar os primeiros curtas.

Em Goiás, a primeira exibição acontece na Antiga Vila Boa de Goyaz, em 13 de maio de 1909. Ocorreu no primeiro edifício destinado à exibição de filmes do estado, o Theatro São Joaquim.

Não muito tempo depois, em 1924, de acordo com relatos, surge o primeiro cinema de Anápolis, o Cine Bruno, e funcionava onde hoje é o Itamaraty Hotel. Era um cinema bem simples. Um barracão bem alto onde as pessoas se reuniam. Não possuía cadeiras fixas, todos apenas iam se ajeitando em bancos e caixotes para assistirem algum filme. (FERREIRA, 1979)

Após a demolição do barracão, onde ficava o Cine Bruno, foi construído um prédio que viria a ser o Cine Goianás, em 1929, de propriedade Maximiano Al-



Figura 21: Curta “A Baía de Guanabara”, sendo exibido numa sala de cinema. Fonte: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-o-primeiro-filme-feito-no-brasil/>.

ves da Cunha. O local teve grande atividade no contexto da história da cidade de Anápolis, lá foram realizadas várias festas importantes para a época. De acordo com Ferreira (1979):

O Cine Goianás teve grande participação na história de Anápolis, pois ali se realizaram festas do Grupo Escolar Dr. Brasil Caiado, da Escola Normal de Anápolis, bem como teatros. (FERREIRA, 1979, p. 251)

Em 1933 foi inaugurado o Cine Áurea pela empresa Miguel, Filho & Sobrinhos juntamente com Maximiano Alves da Cunha. No local também ocorriam festas e teatros, marcando o local para a sociedade Anapolina, figura 22,

Esse também foi um cinema histórico, onde se realizavam teatros, festas de formatura, bailes carnavalescos, e onde, inicialmente, o Clube Lítro Recreativo promovia suas festas.

Nem todos os dias chegavam filmes para serem exibidos. O espectador saía de casa, rumo ao cinema, e, chegando lá, deparava com uma placa, com os dizeres: “A fita

não chegou”. Voltava para sua casa e, daí a pouco, a sereia soava, anunciando, a toda a cidade, que o filme havia chegado, e, aí, era aquele corre-corre. (FERREIRA, 1979, p. 252)

Em 14 de dezembro de 1936 foi inaugurado o Cine Teatro Imperial. Esse possuía o maior projeto em relação aos cinemas anteriores da cidade, com novos aparelhos sonoros e de projeção. Além disso tinha três pavimentos e traços com elementos do *art déco*, tal como a repetição, simetria e forma simplificada, figura 23. Em seu interior se destacavam estonteantes espelhos juntamente com o balançar de vastos cortinados de veludo que cobriam as portas que davam acesso à plateia. No salão onde era exibido o filme haviam as modernas poltronas fabricadas em oficinas no Rio Grande do Sul,

Logo que se achava completamente lotado, inclusive as galerias, em um número calculado de mais de mil pessoas, os possantes alto-falantes anunciavam o começo da sessão cinematográfica. As luzes foram se entristecendo e o quadro branco da

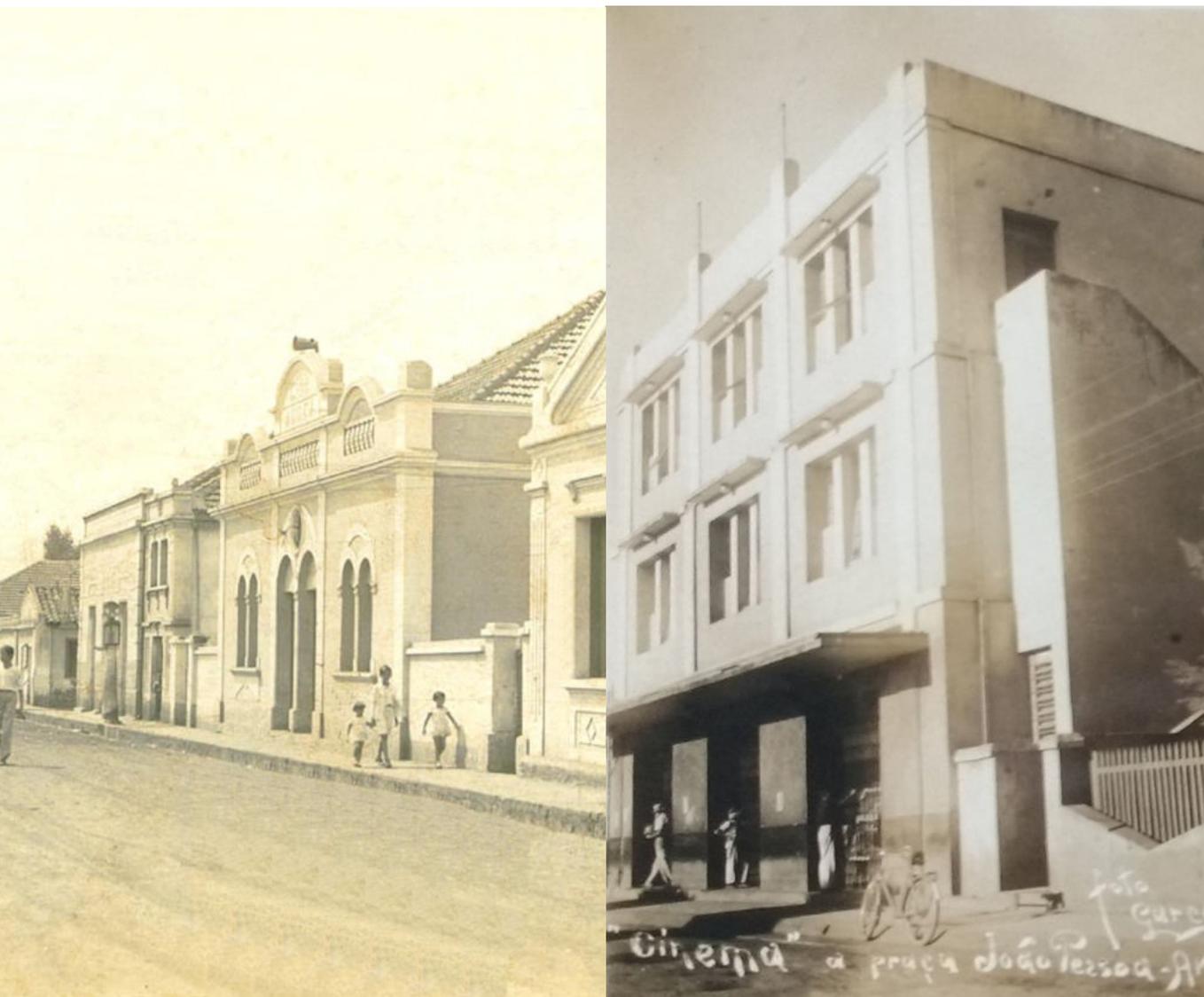


Figura 22: Na imagem Cine Áurea, se localizava onde atualmente é o Itamaraty Hotel. Fonte: Centro de Documentação da Universidade Estadual de Goiás; Figura 23: Antigo Cine Teatro Imperial. Fonte: Museu Alderico Borges de Carvalho. Fotografias de Francisco Garcez.

da tela recebia o primeiro golpe de projeção do grande aparelho e perfeitos sons de seu magnífico *movie-tone*, através do alto-falante que se ocultava atrás do quadro.

A impressão foi a melhor possível! Via-se, em cada um, um sorriso de encanto e bem-estar. O filme inaugural foi Fuzileiros do Ar. (FERREIRA, 1979, p. 253)

A partir desse momento iniciou uma disputa entre os cinemas, Áurea e Imperial, resultando no fechamento do Áurea, pois, na época, Anápolis não com-

portava dois cinemas. O Cine Imperial passou por diversas mudanças ao longo do tempo, resultando num prédio completamente diferente do projeto inicial. Com a mudança de proprietário esse teve seu nome alterado, passando a ser chamado de Cine Roxi.

Outro cinema de rua foi o Cineminha Carajá, inaugurado em abril de 1950 por Ermetti Simonetti, no local onde funcionava a Rádio Carajá. Ele também era dono da rádio. Exibia filmes franceses e italianos do pós-guerra.



Figura 24: Na imagem o Cine Santana, atualmente é uma galeria de lojas. Fonte: Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural JanMagalinsk.

Em 1951 foi inaugurado o Cine Teatro Santana, que se localizava em frente à Praça Bom Jesus. Sua primeira exibição foi o filme *Transatlântico de Luxo*, com Jane Powell. O prédio possuía características marcantes de *art déco* em sua fachada, se destacando o escalonamento, volumes afastados e avançados, formas geométricas e simetria, figura 24.

Houve também o Cine Bom Jesus. Era um cinema que possuía público mais religioso, esse se localizava no pátio da Igreja Bom Jesus.

O Cine Vera Cruz se localizava na rua 7 de setembro e atualmente é uma loja de utensílios e conveniência.

E logo após, houve a inauguração do Cine Teatro Santa Maria, em 21 de janeiro de 1962, com o filme *Sigfrid* (1957). Tinha sua localização na Rua Dr. Gense-rico, atravessando o lote, dando acesso à Rua Desembargador Jaime. Em sua fachada de entrada se destacavam sutilmen-

te elementos do *art déco*, haviam afastamentos e avanços de volumes, simetria, formas geométricas e repetições em suas aberturas. A intenção em seguir o estilo persistia, porém ao mesmo tempo em que algumas características se destacavam haviam contradições, não há simetria nas portas e elas não são alinhadas às janelas no pavimento superior.

O edifício se destacou por alguns anos como importante cinema na cidade. Teve seu funcionamento até meados dos anos de 1990. Atualmente é dividido em duas partes, uma delas é um centro de beleza e a outra parte, a maior, é um estacionamento.

No apogeu do cinema na cidade de Anápolis, entre as décadas de 1960 e 1980, existiu simultaneamente, seis estabelecimentos cinematográficos³ que exibiam programações diversificadas entre si (figura 25). As sessões normalmente iam de sexta a domingo. Cada sala de cada

cinema possuía em torno de um mil a dois mil lugares e haviam sessões que lotavam. Calcula-se uma estimativa de quase vinte mil pessoas que movimentavam a região central de Anápolis, que ia da Praça das Mães até a Praça Bom Jesus. (Do gramofone a grande tela, 2018, 21:45)

O cinema era a forma de lazer que as pessoas da época utilizavam para se divertirem. Era onde iam para passear, encontrar com amigos, namorar. Como não haviam outros meios de comunicação como há nos dias atuais, os cinemas de rua no século passado foram um importante agente no processo cultural da cidade, eles faziam parte, de uma forma especial, da vida de todos que os frequentavam.

A partir da década de 1980 os cinemas de rua passam a ter concorrentes. A televisão torna-se popular, um novo veículo de comunicação, e com ela vem a exibição de filmes no conforto de casa. Além disso, há também a criação de shoppings, um aglomerado de tudo que havia antes nos centros das cidades, substituindo as atividades de lazer que ocorriam. Agora há cinemas dentro dos shoppings, aliados a uma gama de informações e atividades propostas nesses grandes estabelecimentos. (Do gramofone a grande tela, 2018, 19:50)

A migração do movimento que antes ativava as ruas para o shopping acaba gerando medo na população e resulta na inutilização de espaços como os cinemas de rua. Outros tipos de programas tomam a finalidade dessas edificações, usos como estacionamentos, igrejas e galerias passam a se tornar comuns definindo o fim e toda uma geração que tinha como

principal meio de lazer os famosos cinemas de ruas.

Os Cine Teatros, como eram chamados os edifícios onde ocorriam a exibição de filmes, apresentações de peças de teatro e shows, se tornaram importantes elementos para o processo de modernização e urbanização (SILVA, 2019), além de contribuírem para o desenvolvimento cultural.

A chegada da estrada de ferro na década de 1930 foi um dos principais fatores para o desenvolvimento de Anápolis, não só na área econômica como também na área urbana:

A penetração da estrada de ferro em solo goiano foi importante no sentido de inserir a economia do Estado na economia nacional. A região dos trilhos foi a mais beneficiada. O projeto de expansão da ferrovia, com ponto inicial em Araguari, previa a passagem por Anápolis, prosseguindo para a cidade de Goiás e tendo Aruanã como ponto final. A região da ferrovia experimentou um grande surto desenvolvimentista. A agricultura comercial, o incremento das atividades mercantis e dos serviços urbanos, o aumento populacional, foram algumas das mudanças significativas. (POLONIAL, 2000, p.56)

A ferrovia e o cinema em Anápolis representavam a modernidade, os dois estavam ligados, o cinema representava o herdeiro de todo o processo de desenvolvimento ao qual a cidade passava. (Do gramofone a grande tela, 2018, 6:25)

Em 1935 ocorre a inauguração da estação ferroviária de Anápolis, trazendo várias mudanças nos setores econômico, urbanístico, social, político e cultural. Em 1933, ocorre a construção da nova capital



- CIRCUITO DE CINEMAS
- LOTES DOS CINEMAS
- VIAS
- CINEMAS

LEGENDA ³:

1. Cine Teatro Santa Maria - 1962
2. Cine Teatro Imperial - 1936
3. Cineminha Carajá - 1950
4. Cine Santana - 1948
5. Cine Vera Cruz
6. Cine Bom Jesus

Figura 25: Mapa de circuito de cinemas. Fonte: Autoria própria.

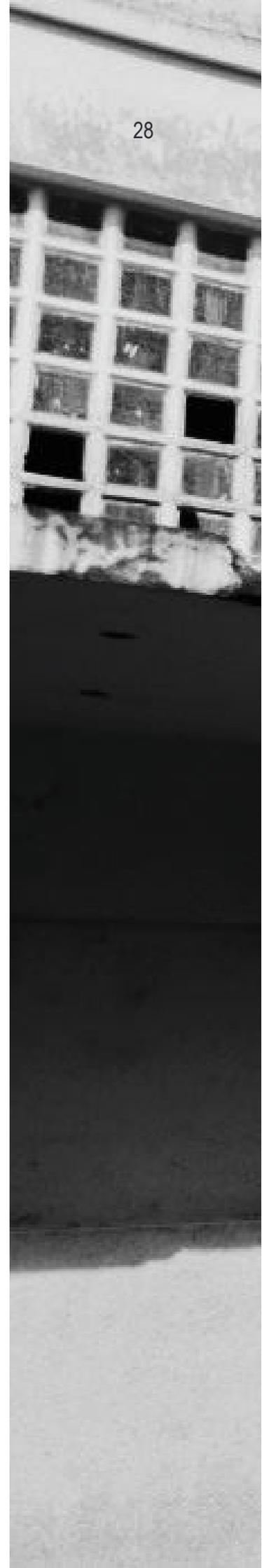
³ Ordem de cinemas de acordo com o circuito existente na época, saindo da Praça das mães até a praça Bom Jesus.

de Goiás, cidade que viria a ser o símbolo da modernidade no estado e que influencia Anápolis em diversos aspectos. Em 1936, é inaugurado o Cine Teatro de maior importância da cidade de Anápolis, o Cine Teatro Imperial, com três andares, destacando-se entre as demais edificações existentes, em função de sua arquitetura singular. O edifício apresentava traços e formas retas, com figuras retangulares e elementos com inspiração inovadoras, no estilo eclético e art déco.

Em relação a arquitetura é possível perceber uma grande produção arquitetônica moderna em Anápolis no período entre 1930 e 1960, espaço de tempo que corresponde a construção de Goiânia (1933) e de Brasília (1960).

Na década de 1930, o cenário arquitetônico de Anápolis assemelhava-se a uma colagem de edificações (VARGAS, MELLO, 2014). Cada qual buscando representar algum estilo arquitetônico vigente da época. O art déco se destacava singelamente, era perceptível elementos ornamentais nas fachadas e traços simples, não sendo desenvolvido símbolos mais acentuados do estilo como os jogos de volume. Em sua maioria, os projetos possuíam o processo construtivo tradicional, utilizando o adobe, e a divisão simples, também tradicional, dos ambientes, porém a fachada era ornamentada seguindo as características do estilo.

Eram comuns residências feitas de adobe e que nas fachadas demonstravam adornos com escalonamento e recortes no volume. Prédios de uso público também apresentavam pontos importantes do *art déco*, realçando os volumes maiores, a grande quantidade de aberturas retangulares, os frontões escalonados e simétricos, pé direito mais alto que o comum e o uso do metal em elementos de esquadrias (VARGAS, MELLO, 2014).





No recorte analisado, tem-se uma importante figura que morou em Anápolis e que buscou fortemente focar no desenvolvimento progressista pelo qual a cidade estava adentrando. Seu nome era Francisco Chiquito Garcez, fotógrafo que atuou na cidade entre 1930 e 1950.



2^o ATO

FRANCISCO “CHIQUITO” GARCEZ: O FOTÓGRAFO

Francisco Garcez demonstra-se como importante atuante no ramo da fotografia, graças a ele é possível criar registros e utilizar as imagens como documentação. Fatores como técnica, criatividade e autenticidade influenciaram na boa atuação do profissional, e no resultado da fotografia. Elementos que fizeram com que se destacasse como um importante fotógrafo na cidade de Anápolis em meados da década de 1930. Ele produziu um amplo acervo fotográfico de vistas da cidade que pode ser encontrado no Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho” e no Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural JanMagalinsk (Figuras 26, 27, 28, 29 e 30).

De acordo com Leite (2014), Francisco Chiquito Garcez nasceu em Minas

Gerais. Filho de Francisco Ferreira da Silva e Maria Garcez do Nascimento. Casou-se aos 21 anos, em 17 de janeiro de 1921, com Raimunda Garcez da Silva e tiveram onze filhos: Maria da Conceição, Carlos, Carmem, Celina, Cosette, Selma, Sônia, Geraldo, João, Francisco Antônio, Maria Dalva.

Em 1920 trabalhou como alfaiate, proprietário da “Alfaiataria mineira”. Logo após, no início dos anos de 1930 fundou a associação UNIÃO POPULAR, juntamente com outras pessoas, todos operários anapolinos que necessitavam de uma sociedade que beneficiasse a população trabalhadora, levantando as condições de vida e trabalho que haviam na época. A partir daí Garcez também funda o jornal O OPERÁRIO (1933), que previa a luta dos

trabalhadores pelos seus direitos, deixando clara a opção pelo Marxismo em seu principal lema: “PROLETÁRIO DE TODOS OS PAÍSES UNI-VOS”.

Voltando a biografia de Garcez tem-se que apenas na segunda metade da década de 1930 começou a trabalhar como fotógrafo. O artista possuía um ateliê com sede na Rua 15 de Novembro nº 89. Neste local ele comercializava e expunha todas as fotos que ele fotografava das vistas de Anápolis, de artistas de cinema e rádio, entre outros fatos e situações que ocorriam na época.

Em recente pesquisa com o historiador e escritor Tauny Mendes sobre Chiquito Garcez, o mesmo lembra, que na parte térrea do prédio da Rádio Carajá à entrada, os transeuntes paravam para ver as fotos que o Garcez colocava nos painéis de vidros. Ele colocava em exposição fotografias dos mais diversos gêneros: pessoas caminhando nas ruas e praças, vistas da cidade, acontecimentos sociais e personalidades. Tauny Mendes ainda relata que certa vez um funcionário da Empresa Luz e Força de Anápolis, morreu eletrocutado. Garcez tirou então fotos do ho-

mem emaranhado nos fios, um acidente horrível, esse fato abalou a cidade. Naqueles tempos, as fotos que apareciam nos jornais de então eram transformadas em clichês, feitos em São Paulo. Não aparecia muito bem, a qualidade não era boa. Assim, Garcez registrou cenas que emocionam até hoje e as suas fotos podem ser encontradas no Museu Histórico. (LEITE, 2014, p. 16)

No ano de 1956 trabalhou, também, na comissão do cinquentenário da cidade de Anápolis. Situação a qual ele idealizou uma urna em que deveriam ser depositados objetos daquele ano que seriam abertos apenas cinquenta anos depois, na comemoração do centenário da cidade, dia 31 de julho de 2007. (LEITE, 2014)

Em 1961 separou de sua esposa Raimunda e se mudou para Alexânia. Em 1979 faleceu.

Em relação ao artista em foco há poucas informações a respeito de sua vida. Fatos conturbados no relacionamento dele com sua família impediram maiores informações.

Figura 26: Paisagem da antiga Praça da Estação, atual praça Americano do Brasil. Fonte: Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural JanMagalinsk.

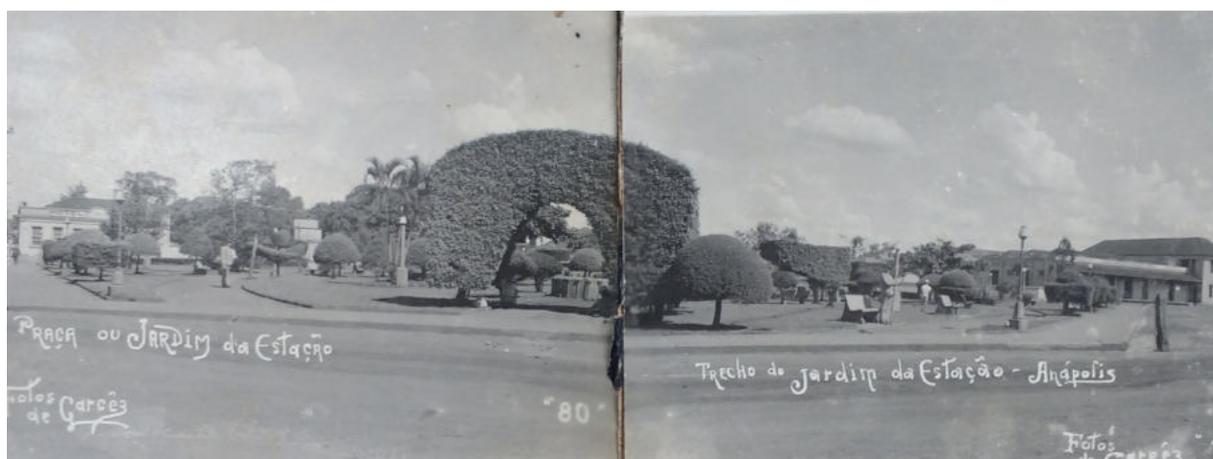




Figura 27: Construção em estilo *art déco*. Fonte: Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural JanMagalinsk; Figura 28: Greve dos motoristas, aglomerado de pessoas na Praça Bom Jesus; Fonte: Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural JanMagalinsk; Figura 29: Vista dos telhados das casas no centro da cidade de Anápolis. Fonte: Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural JanMagalinsk; Figura 30: Igreja Bom Jesus. Fonte: Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural JanMagalinsk;

Ao lado, Figura 31: Francisco Chiquito Garcez, autorretrato. Fonte: Museu Histórico de Anápolis Alderico Borges de Carvalho.

10

35





2^o ATO

O ESPAÇO

O local a ser estudado situa-se em frente à Praça das Mães, atravessando o lote que tem acesso às duas ruas, a Rua Des. Jaime e a Rua Dr. Genseric, no Setor Central de Anápolis, Goiás (Figura 33).

O principal acesso ao local do projeto se dá por meio da Avenida Brasil, através da Avenida Fayad Hanna e depois Avenida Dona Saudita e Avenida Xavier de Almeida (de acordo com o mapa, figura 32). Por situar-se no centro da cidade há movimento durante todo o dia, a semana toda.

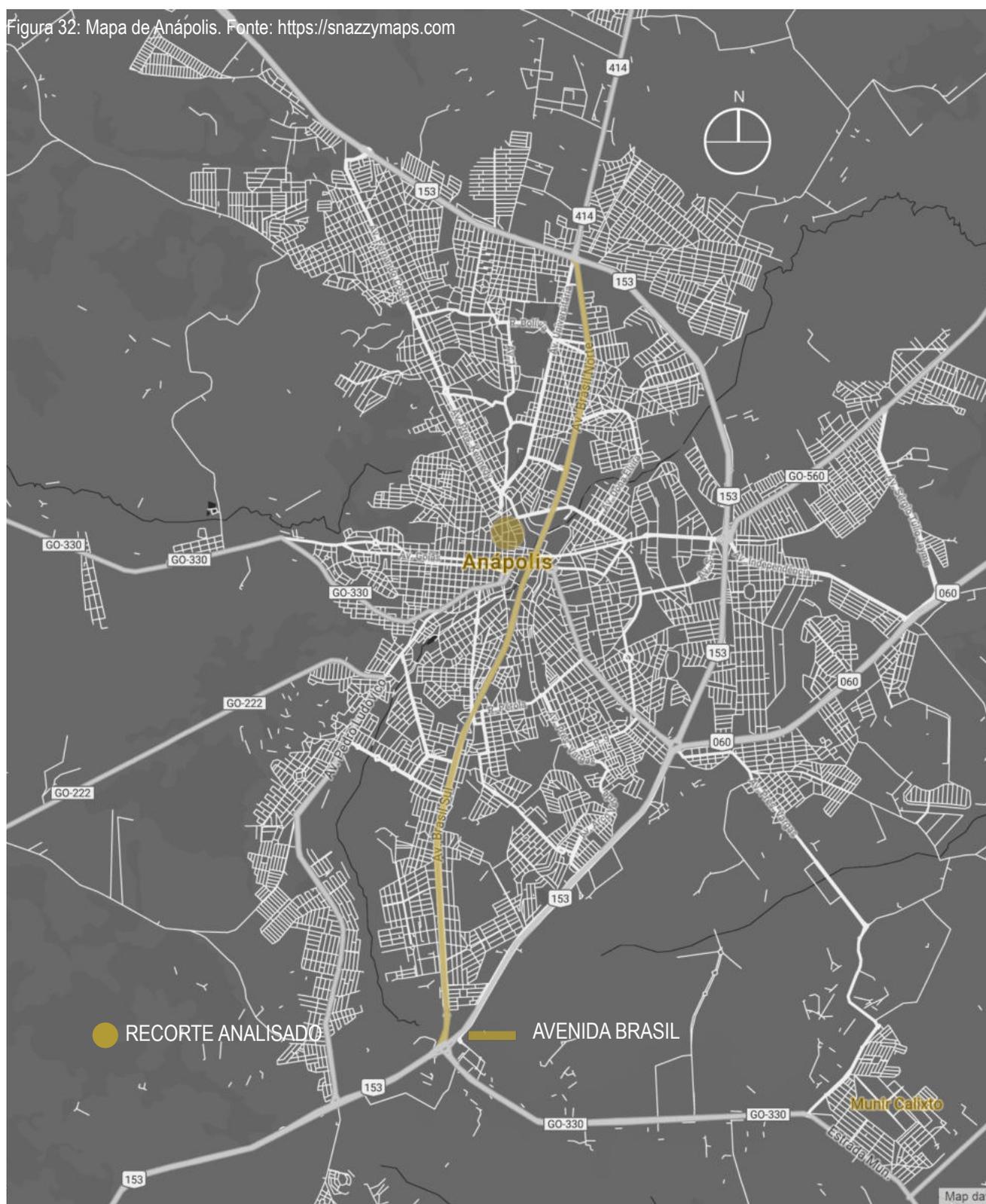


Figura 33: Recorte centro de Anápolis, Graficação autoral, sem escala. Fonte: DWG acervo Anápolis.

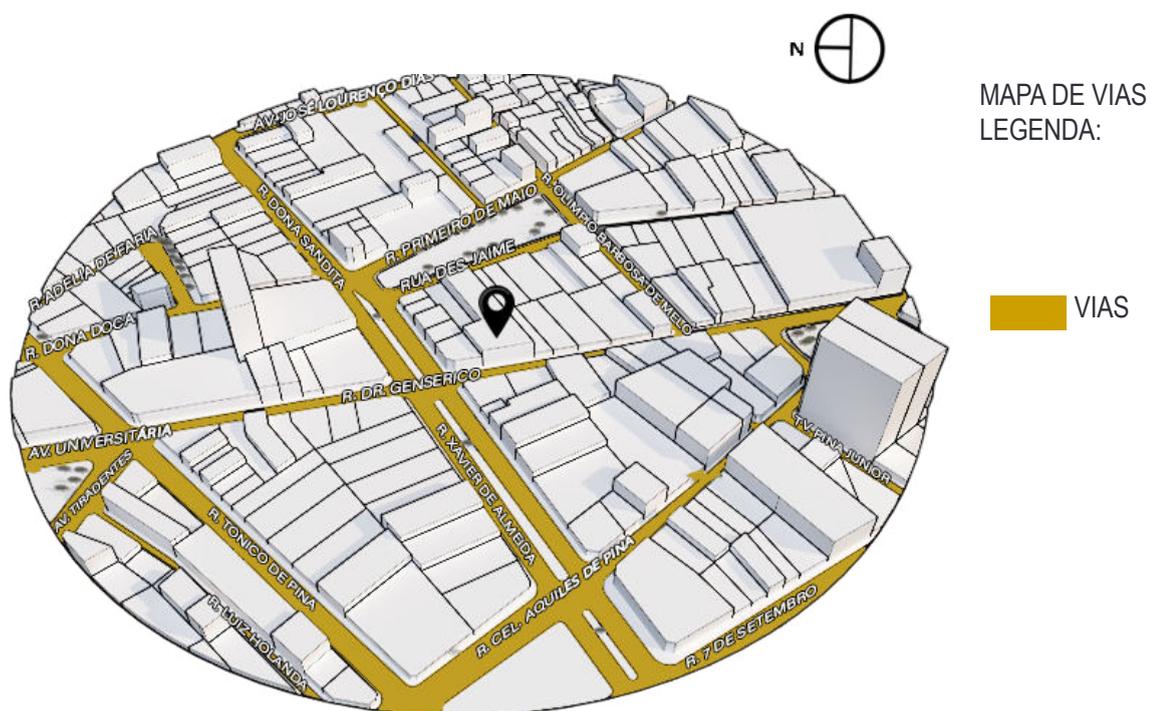


Figura 34: Recorte centro de Anápolis. Graficação própria. Fonte: DWG acervo Anápolis.

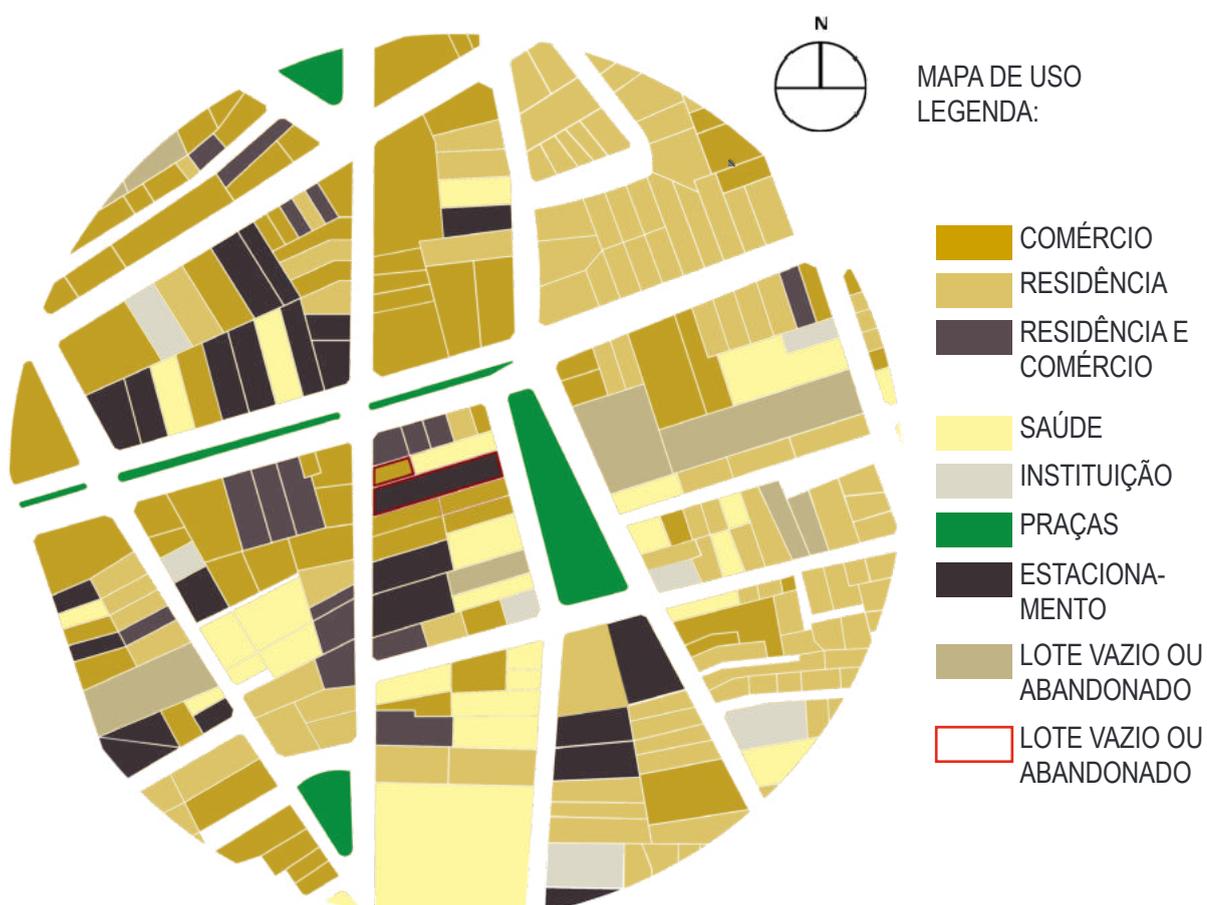


Figura 35: Recorte mais amplo, centro de Anápolis. Circuito de cinemas de ruas que tinham na cidade. Graficação autoral. Fonte: DWG acervo Anápolis.



MAPA DE CINEMAS
LEGENDA:

- VIAS
- LOTES CINEMAS
- CINEMAS

1. Cine Bruno - Rua Manoel D'Abadia com Barão do Rio Branco;
2. Cine Goianás - Rua Manoel D'Abadia com Barão do Rio Branco;
3. Cine Áurea - Rua Manoel D'Abadia
4. Cine Teatro Imperial - Rua Cel. Aquiles e Pina;
5. Cineminha Carajá - Rua Engenheiro Portela com Barão do Rio Branco;
6. Cine Teatro Santana - Rua Engenheiro Portela;
7. Cine Bom Jesus - Avenida Goiás com Rua General Joaquim Inácio;
8. Cine Vera Cruz - Rua 7 de setembro;
9. Cine Teatro Santa Maria - Rua Dr. Genserico e Rua Des. Jaime;
10. Cine Roxi - Rua Cel. Aquiles e Pina;

A rua Doutor Genserico se caracteriza sendo uma importante via na história de Anápolis. Ela inicia como Manoel D'Abadia, próxima a Avenida Goiás e após a Praça do Coreto (James Fanstone) ela se torna Doutor Genserico.

Um ponto importante a ser destacado é que ela fazia parte do circuito onde houve cinemas de ruas. A cidade de Anápolis já possuiu ao todo 10 cinemas de ruas ao longo da história, alguns continuando no mesmo lugar, mudando apenas o nome (Figura 35).

Em relação ao uso na região, se caracteriza predominantemente por residencial e comercial, como é possível perceber na figura 34. Também há a presença considerável de prédios voltados à saúde, como clínicas.

Quanto ao gabarito dessa região do centro da cidade, há a maior presença de construções térreas, por volta de cinquenta por cento dos edifícios existentes no recorte analisado, logo após há a predominância de edifícios de dois pavimentos, seguido dos de três, e em quantidade menor os imóveis com quatro pavimentos ou mais.

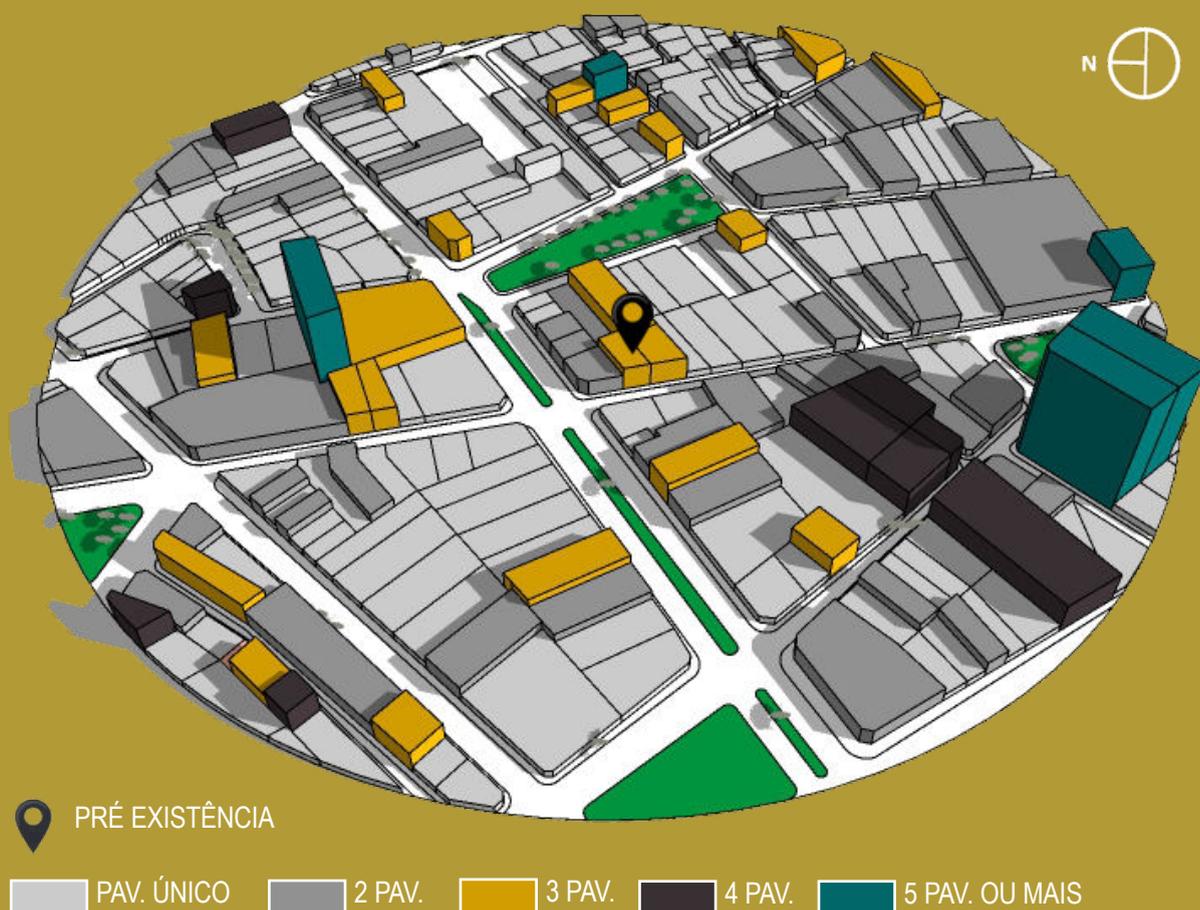
Embora a quantidade de construções térreas seja grande, a soma de edifícios com dois até mais de cinco pavimentos, deixa a paisagem levemente verticalizada, figura 36, podendo haver projetos que não sejam horizontais e que não vão afetar drasticamente a paisagem.

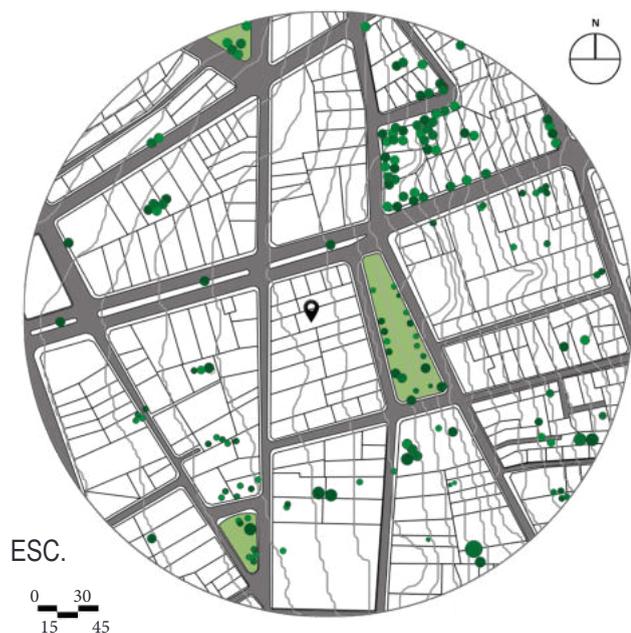
A topografia não se demonstra acidentada, na área dos lotes do Cine Santa Maria há apenas duas curvas de nível, permitindo trabalhar o terreno de forma mais plana. A vegetação do recorte consiste em árvores nas calçadas e também nas praças do entorno. Há ainda algumas residências que possuem quantidade considerável de árvores (Figura 37).

A região do centro de Anápolis é bem densa, há mais cheios do que vazios, figura 38. As construções em grande parte são coladas entre si, sendo difícil identificar onde começam e terminam os lotes. Os espaços vazios, como já visto no mapa de vegetação (figura 37), são onde encontram-se as praças existentes na região.

Figura 36: Recorte centro de Anápolis. Graficação própria, sem escala. Fonte: DWG acervo Anápolis.

MAPA DE GABARITOS

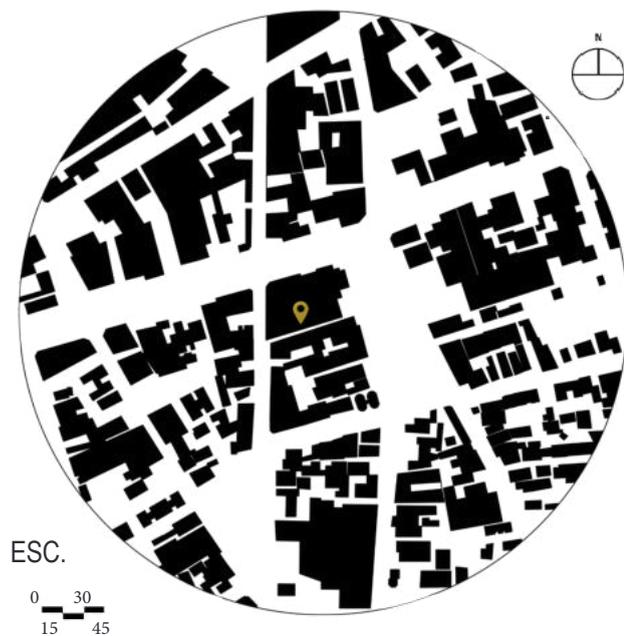




MAPA DE VEGETAÇÃO E TOPOGRAFIA
LEGENDA:

- PRAÇAS
- VIAS
- PRÉ EXISTÊNCIA

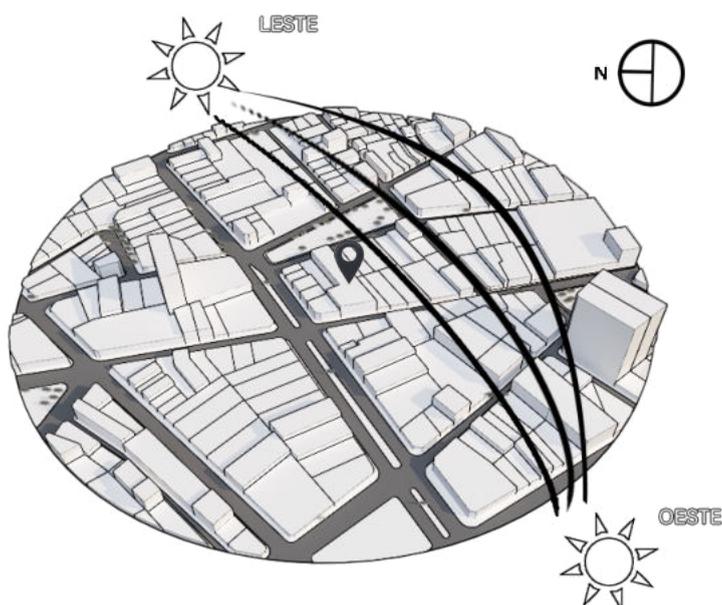
Figura 37: Recorte centro de Anápolis. Graficação própria. Fonte: DWG acervo Anápolis.



MAPA DE CHEIOS E VAZIOS
LEGENDA:

- CHEIOS
- VAZIOS
- PRÉ EXISTÊNCIA

Figura 38: Recorte centro de Anápolis. Graficação própria. Fonte: DWG acervo Anápolis.



MAPA DE INSOLAÇÃO
LEGENDA:

- PRÉ EXISTÊNCIA

Em relação a insolação recebida na região, o sol nasce do lado da fachada de saída do edifício, enquanto se põe no lado da fachada de entrada (figura 39).

Figura 39: Recorte centro de Anápolis. Graficação própria, sem escala. Fonte: DWG acervo Anápolis.

O antigo Cine Santa Maria possuía três portas na fachada de entrada (fachada da Rua Doutor Genserico), elas levavam a um salão onde haviam a bilheteria, bancos de espera, uma sala de exposição com cartazes de filmes que passavam no cinema, a direita um banheiro masculino e a esquerda um banheiro feminino. A direita próxima a uma das portas de entrada havia uma escada helicoidal que levava ao pavimento superior, lá havia um camarote, a direita, para as pessoas mais abastadas, a salinha de projeção no meio e um quarto a esquerda⁴.

No térreo, após o salão, haviam duas entradas para a sala de cinema, uma a direita e uma a esquerda. A da direita não funcionava, restando apenas a da esquerda, nessa havia cortinas para o acesso a grande tela. Finalmente, chegando no grande salão de exibição de filmes, haviam aproximadamente 900 lugares e três corredores que davam acesso às cadeiras. Na frente, abaixo da tela, havia um palco onde ocorriam apresentações e shows, o que identificava o estabelecimento como cine teatro. Por fim uma porta a direita que levava a saída do cinema (fachada da Rua Des. Jaime). Na figura 43 é possível identificar todos os ambientes explicados.

O local se demonstra bastante conservado (figuras 40, 42 e 42) mantendo toda a área do pavimento superior como era. Ainda possui a sala de projeção, banheiro e camarote. A parte mais modificada é a do térreo onde hoje em dia dá lugar a vagas de estacionamentos.

O sistema construtivo é o adobe, as telhas são de cerâmica, as esquadrias são de madeira. No térreo, os pisos são em formato de pequenos hexágonos e de cimento queimado. No pavimento superior todo o piso é de tacos de madeira, menos o banheiro, nele permanece o cimento queimado, figura 43.

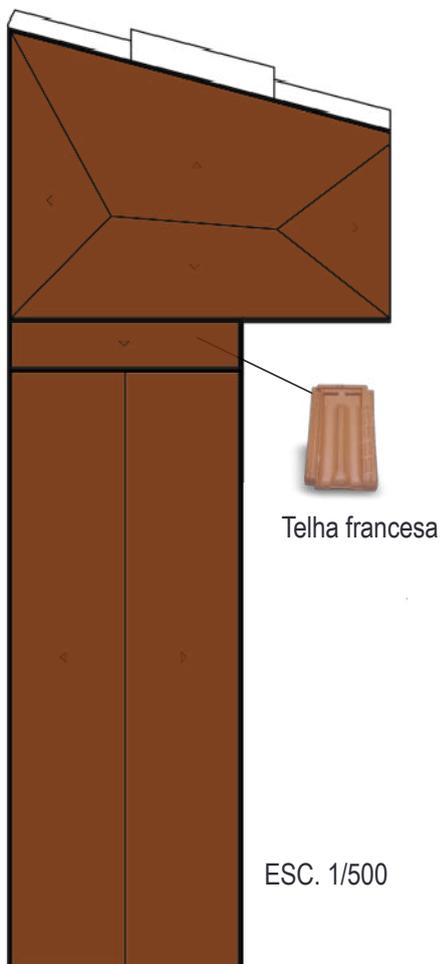
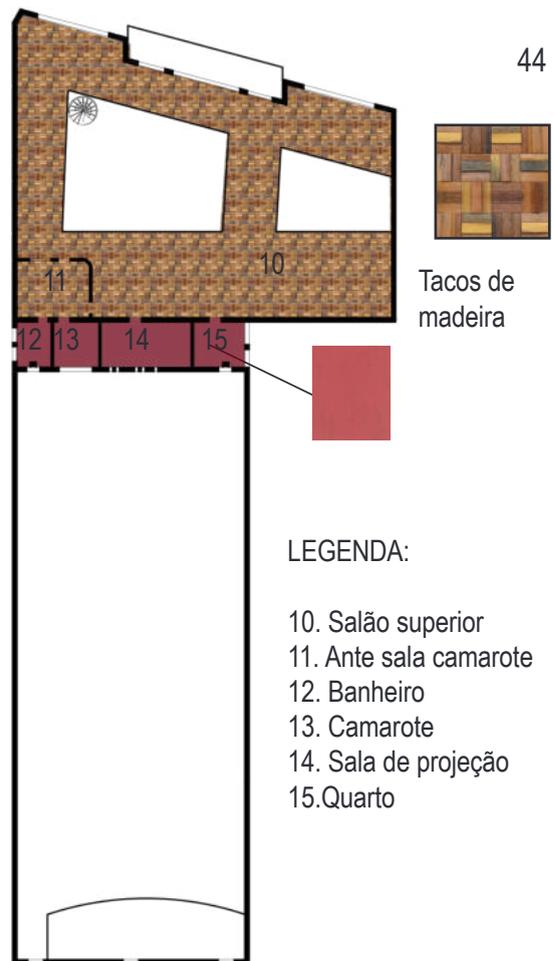


De cima pra baixo. Figura 40: Antiga sala de projeções, aberturas onde o projetor se posicionava para a exibição dos filmes. Fonte: Foto autoral.

Figura 41: Portas de entrada para o camarote, à esquerda, e banheiro, à direita. Fonte: Foto autoral.

Figura 42: Antiga sala de cinema, atualmente é um estacionamento. Fonte: Foto autoral

⁴ De acordo com informações até então encontradas com base no Museu Histórico de Anápolis, relatos de funcionários que trabalhavam no cinema e de pessoas que frequentavam o cinema.



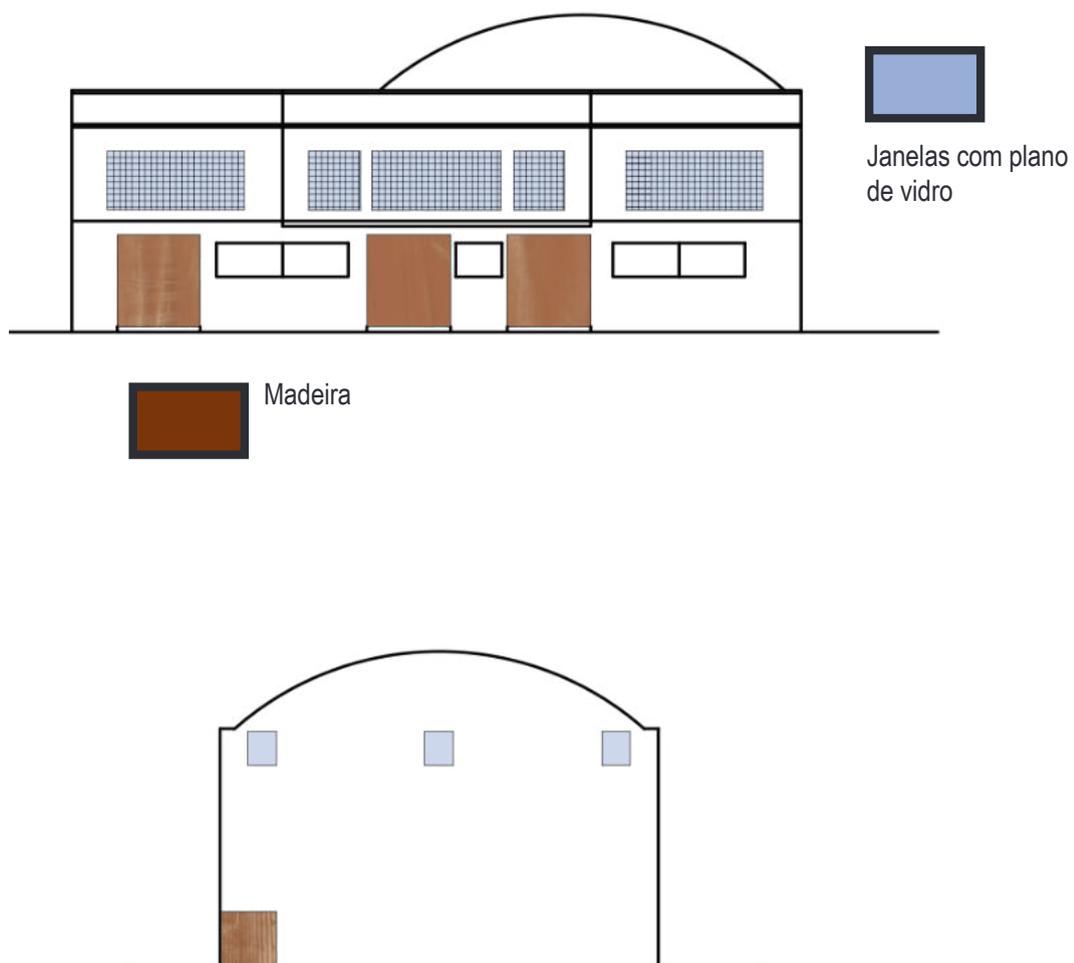


Figura 43: Plantas e fachadas de como era o Cine Santa Maria. Fonte: Desenho com base em levantamentos e graficação autoral.



2° ATO

REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Para melhor desenvolvimento das ideias de projeto, foram feitos alguns estudos, com base em projetos renomados que fazem intervenção de alguma forma em pré existências.

PRAÇA DAS ARTES

Arquitetos: Brasil Arquitetura

Localização São Paulo, Brasil

Autores Francisco Fanucci e Marcelo Ferraz + Luciana Dornellas

Área: 28500 m²

Ano do projeto: 2012



Figura 44: Estudo do projeto Praça das Artes. Fonte: Autoria própria.

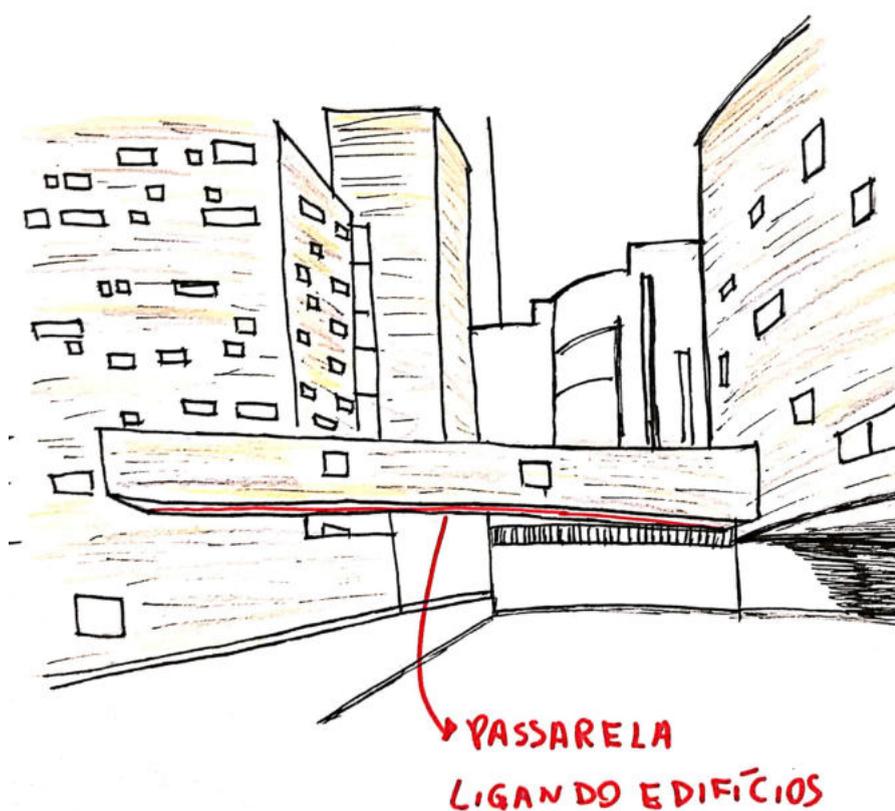


Figura 45: Estudo do projeto Praça das Artes. Fonte: Autoria própria.



MUSEU DAS MINAS E DO METAL
 Arquitetos: Paulo Mendes da Rocha
 Localização: Belo Horizonte, Brasil
 Autores: Paulo Mendes da Rocha e Pedro Mendes da Rocha
 Área: 6621,65 m²
 Ano do projeto: 2010

Figura 46: Estudo do projeto Museu das Minas e do Metal. Fonte: Autoria própria.

CAIXA FÓRUM

Arquitetos: Herzog & De Meuron

Localização: Madri, Espanha

Autores: Herzog & De Meuron

Área: -

Ano do projeto: 2008



Figura 47: Estudo do projeto Caixa Fórum. Fonte: Autoria própria.



S

ESTACIONAMIENTO

ESTACIONAMIENTO
CONVENIADO

3^o ATO

NOÇÕES E PROCESSOS PROJETUAIS

Nas cidades brasileiras é possível perceber diversas marcas de história, marcas do que a cidade já foi um dia. Edifícios de características históricas que assinalaram a paisagem, fortemente, e, que, apesar de não possuírem a mesma função em seus programas que outrora possuíam, ainda compõem notavelmente a cidade com seus estilos arquitetônicos.

Anápolis possui diversos edifícios com importâncias históricas. Ao longo de suas ruas, no centro, destaca-se o antigo Cine Teatro Santa Maria (* - 1962). Poucas características originais permanecem no edifício, os pontos principais que o elevavam a função de um cinema já não existem mais. O escalonamento que dava lugar aos assentos dos telespectadores foi nivelado para virar um estacionamento o e onde havia uma tela, deu lugar a um mon-

te de detritos e uma rampa de acesso para a entrada de sua nova função (figura 48). O objetivo do projeto é intervir dentro do antigo edifício e acima dele, gerando um espaço capaz de reviver memórias, voltando ao seu programa original, um cinema.

Partindo da premissa fundamental que é a conservação de tal memória que o edifício promove tem-se a importância de pontuar o conceito de patrimônio. Patrimônio histórico abrange todo e qualquer bem natural, material ou edificado que contenha alguma característica artística, cultural, documental ou religiosa e que tenha importância para um grupo de pessoas. Destina-se ao usufruto de determinada comunidade, congregando por seu passado em comum (CHOAY, 2001).



Figura 48: Imagem atual do Cine Santa Maria, local onde havia o escalonamento e palco do cine teatro. Fonte: Autoria própria.

Entre todos os bens que se manifestam a partir do patrimônio histórico, aqui, se retratará, aquele que se vincula mais diretamente ao cotidiano da vida de todos, o patrimônio histórico edificado (CHOAY, 2001). Esse se define como edifício ou conjunto de edifícios que prezam por resguardo, por apresentarem historicamente características construtivas, estéticas e arquitetônicas que são significativas a determinado espaço e sociedade.

A salvaguarda desses edifícios envolve alguns fundamentos ligados a valorização, que se apresentam como a conservação e a restauração. O primeiro se trata do conjunto de medidas para impedir a deterioração ao longo do tempo, enquanto o segundo se trata do conjunto de medidas para reparar o aspecto atual tendo em mente o original.

A reabilitação de edifícios, é uma das práticas que busca reparar o edifício antigo trazendo características estruturais e funcionais equivalentes à de um novo, implica em gerar um uso que seja viável e econômico. A procura por meios que atendam essas características gera custos e mudanças nos edifícios, que acabam causando na maioria dos casos sacrifícios de estruturas e ambientes internos, podendo até perder a essência do edifício original. Por isso é importante buscar um uso que dê qualidade ao espaço e que o faça ser capaz de reviver (CHOAY, 2001).

De acordo com Francisco de Gracia (1992), uma intervenção bem sucedida necessita de uma análise profunda a respeito do edifício pré-existente. Por isso, em sua obra, ele discorre sobre a ne-

cessidade de uma literatura de patrimônio que aborde de forma diferente as intervenções em sítios não tombados.

De Gracia (1992) sugere a adoção de um critério racional como principal metodologia que visa entender os vários aspectos que as intervenções possuem e propõe em sua obra ações modificadoras dividindo-as em três etapas, os níveis de intervenção, os padrões de atuação e as atitudes frente ao contexto. Essa metodologia objetiva, através de exemplos práticos, ajudar o projetista.

A primeira etapa se subdivide em três níveis, a modificação circunscrita; a modificação do locus; e a pauta de conformação urbana. Essa etapa se refere a escala de abrangência das intervenções.

No projeto aqui tratado convém abordar sobre a modificação circunscrita. Essa diz respeito ao edifício em escala individual. Ocorre remodelação interna, restauro e ampliação moderada, com pouca repercussão em seu entorno. Haverá a restauração com modificações internas do antigo Cine Santa Maria, também havendo ampliação, porém, respeitando e dialogando com o edifício pré-existente.

A segunda etapa se refere a importância dentro do contexto urbano, apontando o vínculo com o espaço imediato. O projeto de restauração do cinema se encaixa em uma conformação do tecido urbano, no qual a intervenção participa ou recompõe o padrão do tecido urbano existente.

E por último a terceira etapa que são as atitudes frente ao contexto. Se referem a manter um diálogo entre a arquitetura antiga, atual e futura não sendo necessariamente vinculadas entre si, é através

da padronização de algumas estratégias de intervenção que é possível atuar de forma consciente (GRACIA, 1992).

Abordando sobre o futuro projeto aqui tratado a restauração manterá o espaço da sala de cinema do antigo edifício, porém se adequando as atuais normas de construção, aumentando circulação e saídas de emergência. Serão acrescentadas mais duas salas de cinemas, uma num novo pavimento que será criado aproveitando o pé direito da antiga sala e um outro na parte que ampliará. Será retirado o antigo telhado, onde ocorrerá a intervenção no edifício, acima de sua fachada. Além disso também será proposta a retirada do antigo telhado da parte da fachada da frente do edifício, buscando criar um terraço acessível (imagens 49, 50, 51 e 52).

O foco do projeto também é criar anexos ao edifício que possam compor o programa proposto. Sendo assim, será anexado uma escola de artes com estudos em fotografia e audiovisual e, além disso, um museu da cidade, que terá exposições fixas do fotógrafo Francisco Garcez e exposições temporárias de obras produzidas na escola. Ocorrendo uma ligação entre todas as partes: edifício pré-existente e anexos, através da circulação vertical. O espaço do antigo cinema foi dividido ao longo do tempo devido aos usos que diferentes usuários foram possibilitando ao prédio, uma parte (a maior) se tornou um estacionamento e a outra (uma pequena parte) um centro de beleza. Modificações serão feitas para poder voltar a forma original. Acontecerá a demolição da parede que divide o espaço, figura 53, e também acontecerá a construção de paredes on-



-  DEMOLIR
-  CONSTRUIR
-  PERMANECER
-  LOTES DESAPROPRIADOS

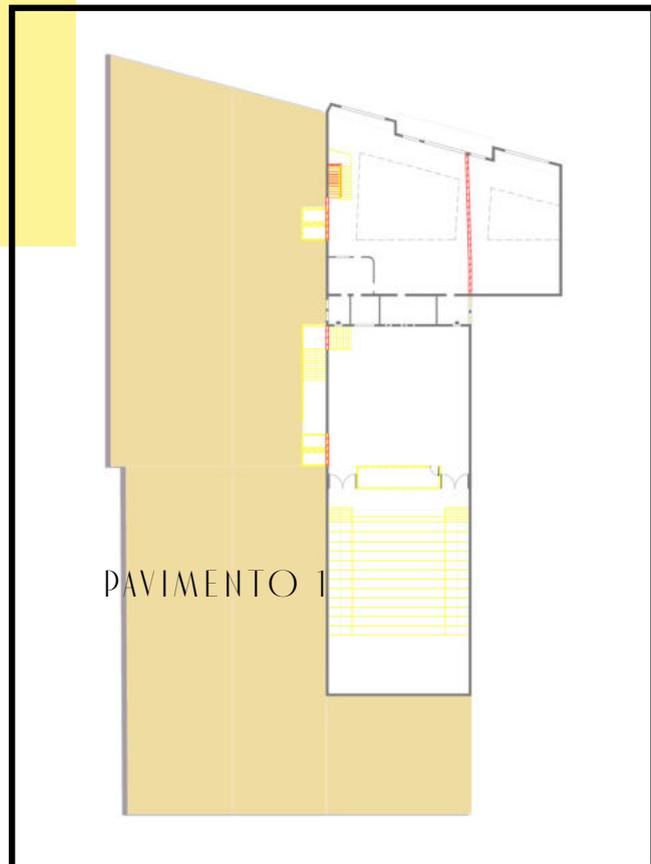


Figura 49: Planta térreo de demolição e construção do antigo cinema, sem escala. Fonte: Autoria própria.

Figura 50: Planta pavimento 1 de demolição e construção do antigo cinema, sem escala. Fonte: Autoria própria.

-  DEMOLIR
-  CONSTRUIR
-  PERMANECER

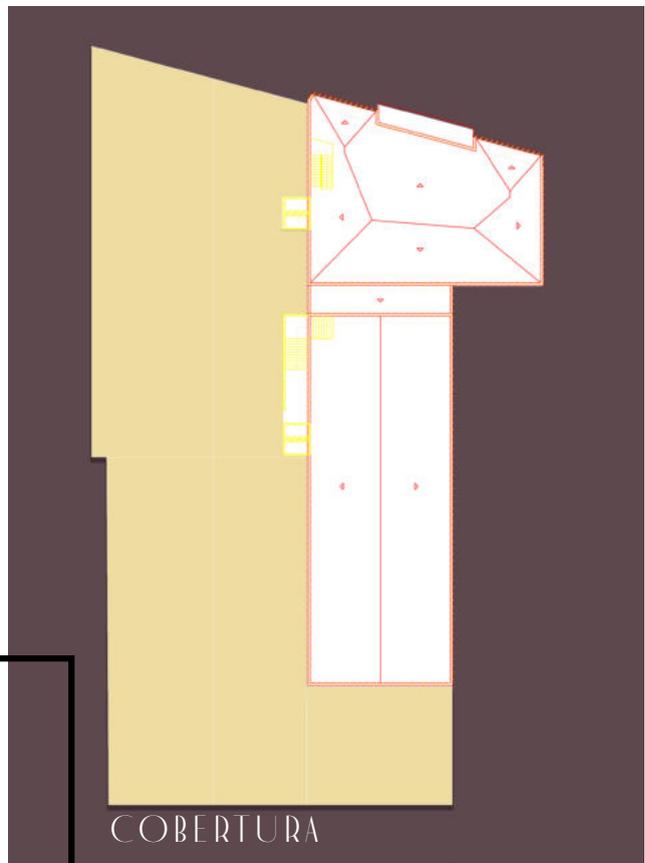
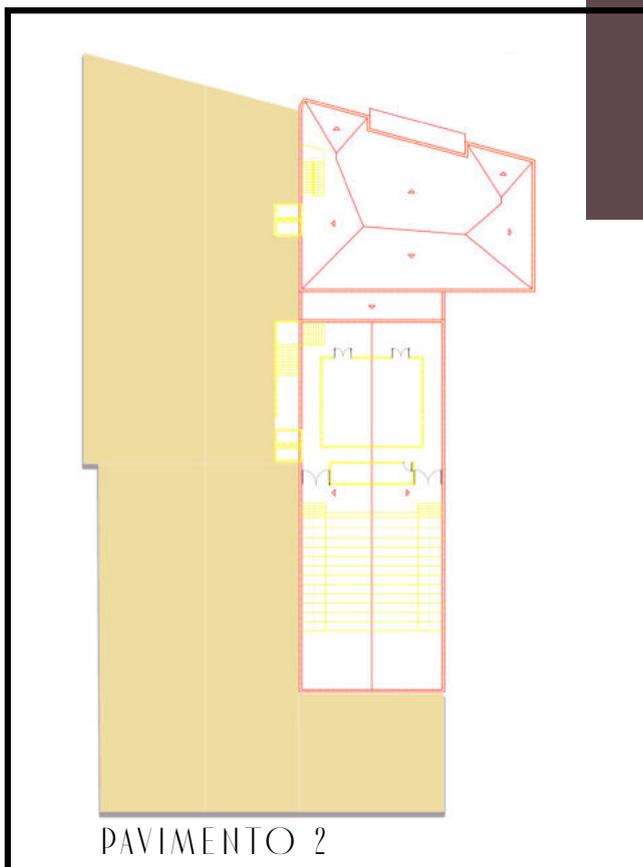


Figura 51: Planta pavimento 2 de demolição e construção do antigo cinema, sem escala. Fonte: Autoria própria.
Figura 52: Planta de cobertura de demolição e construção do antigo cinema, sem escala. Fonte: Autoria própria.



Figura 53: Parede que divide o estacionamento do centro de beleza . Fonte: Autoria própria.

de houve aberturas. Além de propor uma nova circulação com escadas e elevadores onde antigamente havia a escada de circulação principal.

Na parte onde era a antiga sala de cinema ocorrerá a construção de paredes para compor o programa de sala de cinemas atuais com a sala de projeção, escalonamento dos assentos, área para PCD, tudo seguindo as normas atuais da ABNT, e uma pré sala de cinema com programações imersivas que buscam preparar o usuário para a sala de cinema mais a frente, proporcionando uma experiência única. Esse programa se repetirá nos outros dois pavimentos que aumentarão, pavimento 1 e 2, perspectivas a seguir.

Enquanto isso, a parte onde já ha-

via um segundo pavimento, onde era a antiga sala de projeção, camarote e salas de serviço do antigo cinema, será integrada ao museu. Virando um local de memórias para lembrar a década do auge de cinema de rua em Anápolis no século passado, remetendo a decoração e mobiliário *art decó* da época para o usuário sentir e vivenciar o espaço como era utilizado na década de 1960, quando o cinema foi inaugurado. Também há a proposta de expor antigos projetores de cinema, já que o espaço onde esses ficavam e as aberturas por onde projetavam imagens ainda permanecem na antiga sala de projeção.

O edifício possui mais de 60 anos e por isso há alguns danos notados que foram listados nos desenhos técnicos.

DEMOLIÇÃO

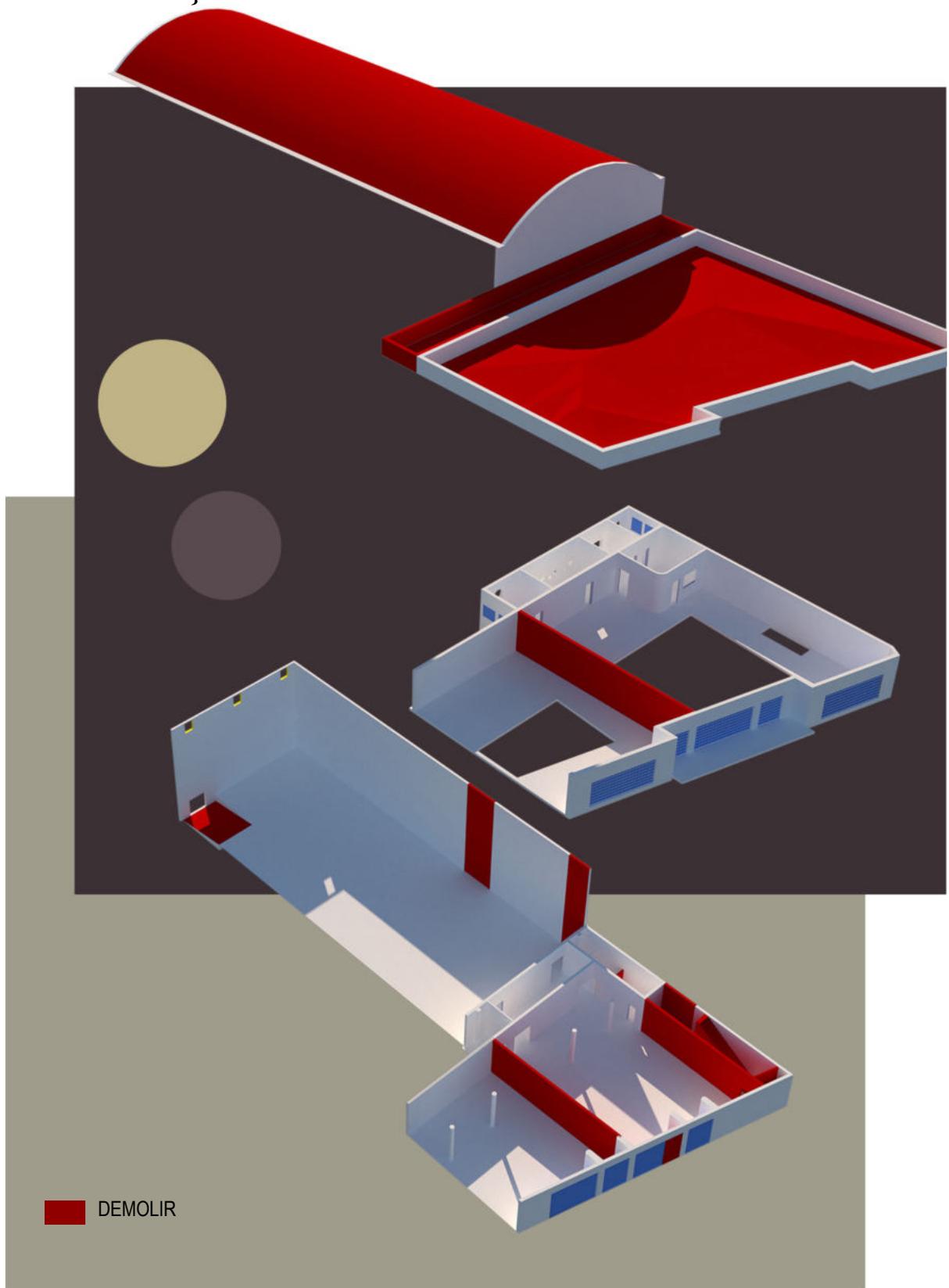


Figura 54: Perspectiva onde é possível identificar o que será demolido na pré existência, antigo Cine Santa Maria. Fonte: Autoria própria.

CONSTRUÇÃO

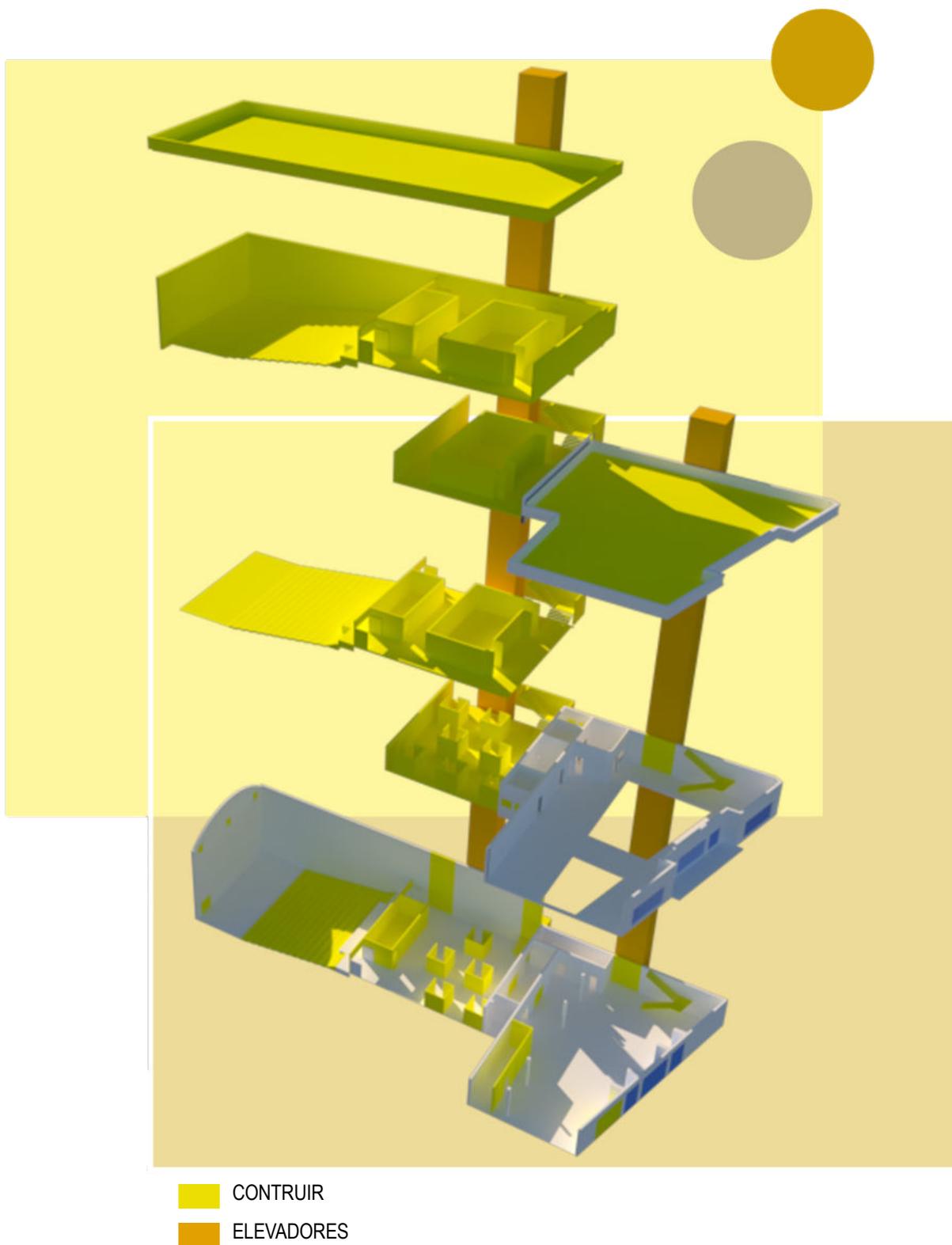


Figura 55: Perspectiva onde é possível identificar o que será acrescentado e construído na pré existência, antigo Cine Santa Maria. Fonte: Autoria própria.

PLANTAS DE DANOS

OS DESENHOS SERÃO ENVIADOS JUNTOS COM A REVISTA EM PDF EM DUAS FOLHAS A1 PARA MAIOR ESCLARECIMENTO E ENTENDIMENTO DESSES.

ESTUDO DE FACHADA

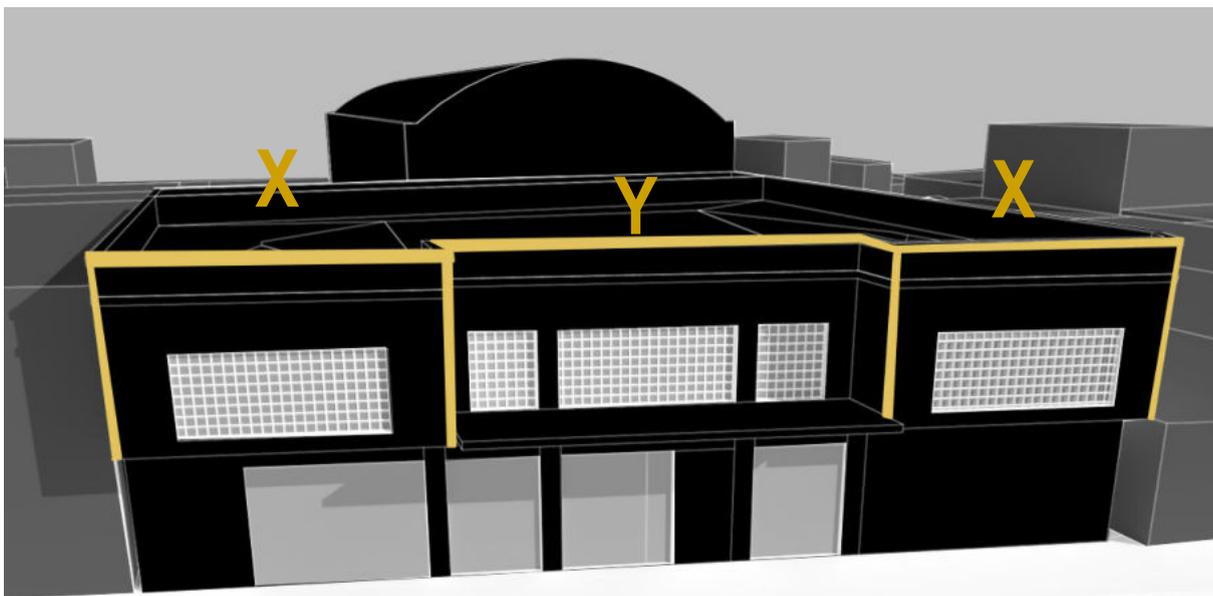


Figura 56: Perspectiva de estudo da fachada frontal do antigo Cine Santa Maria.

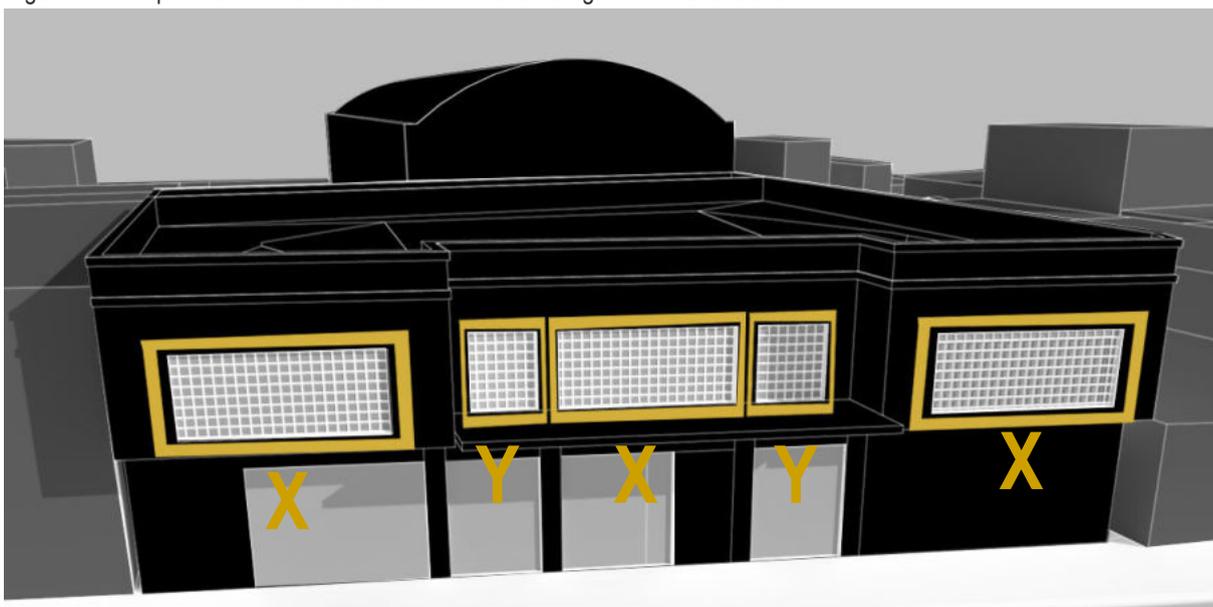


Figura 57: Perspectiva de estudo da fachada frontal do antigo Cine Santa Maria.

Analisando a fachada do antigo edifício percebe-se algumas características singulares do estilo *art déco*. Tem-se a presença de simetria, afastamento e profundidade do volume e ainda uma ritmização. Todas aparecem de forma singular demonstrando o que foi a presença do estilo na cidade de Anápolis. Todas essas características se demonstram como importante no estudo e definição do proje-

to que está por vir.

A utilização de um ritmo que se define ora por uma medida X e ora por uma medida Y (como é possível perceber na imagem 56), são fundamentais para o embasamento do partido do projeto dos anexos. O padrão se repete também nas medidas das aberturas, imagem 57. Logo a frente será explicado todo o processo para chegar a forma final, começando por relembrar os desenhos introdutivos.

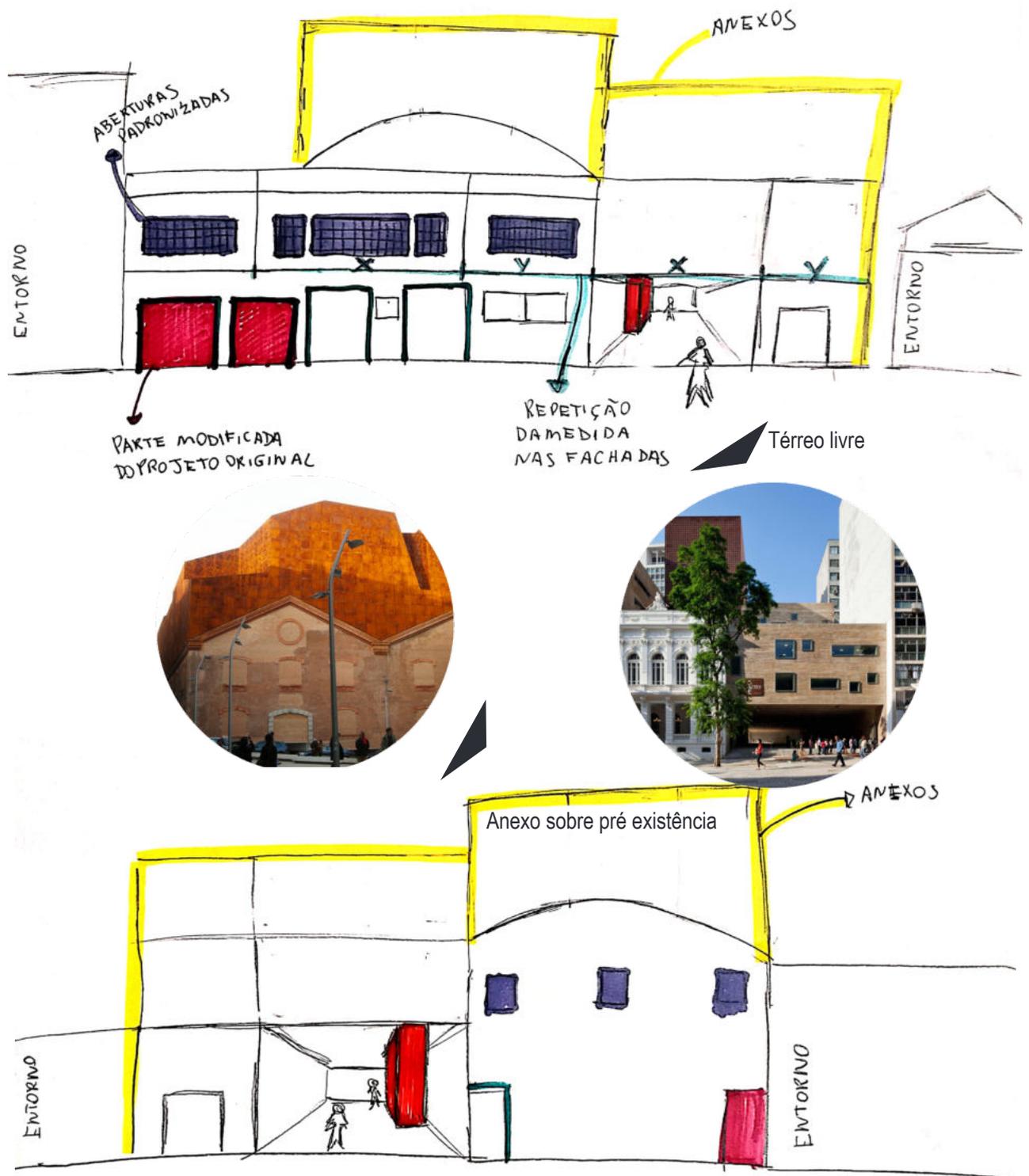


Figura 58: Croquis de estudos do projeto, fachada frontal. Fonte: Autoria própria.

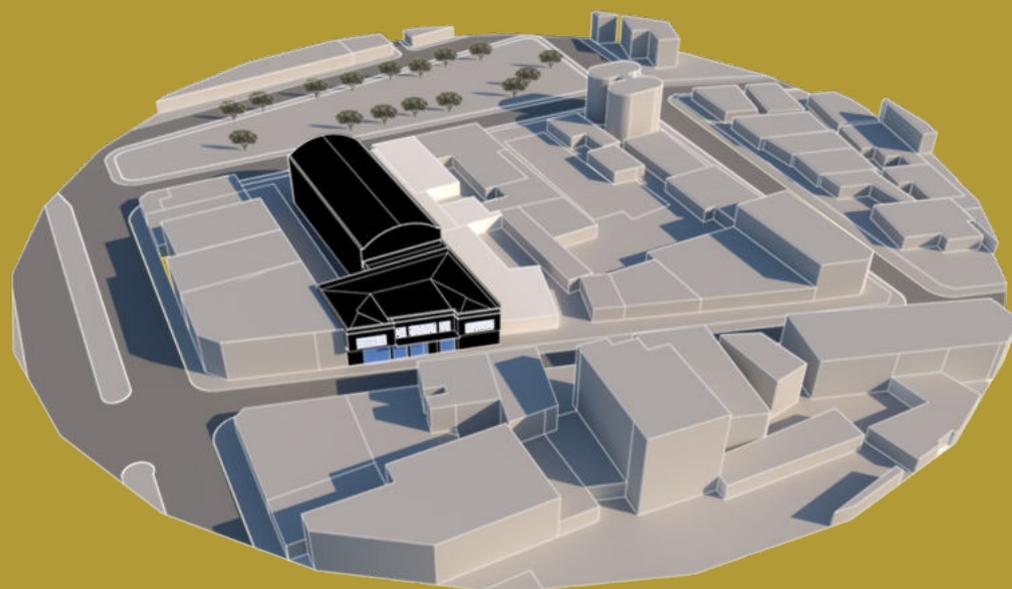
Acima tem-se os rascunhos iniciais das ideias para a composição formal dos edifícios. Com base nas referências projetuais e estudo foi pensado em deixar

o térreo livre ao longo do lote para possibilitar a permeabilidade de pessoas de um lado da quadra ao outro, fazendo menção a Praça das Artes, em São Paulo. Outra

ESTUDO DA FORMA

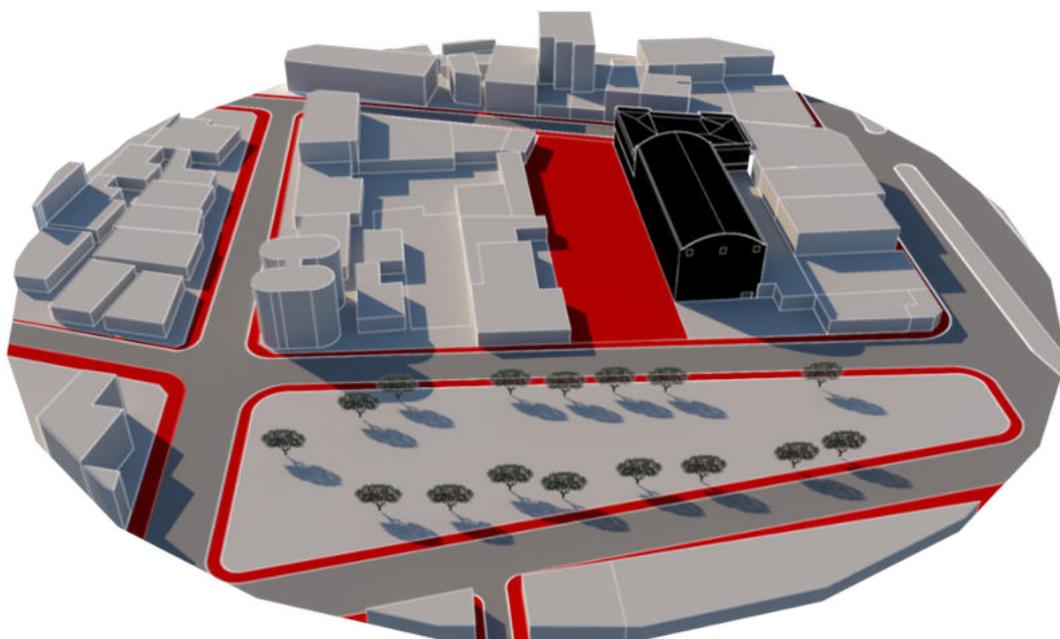
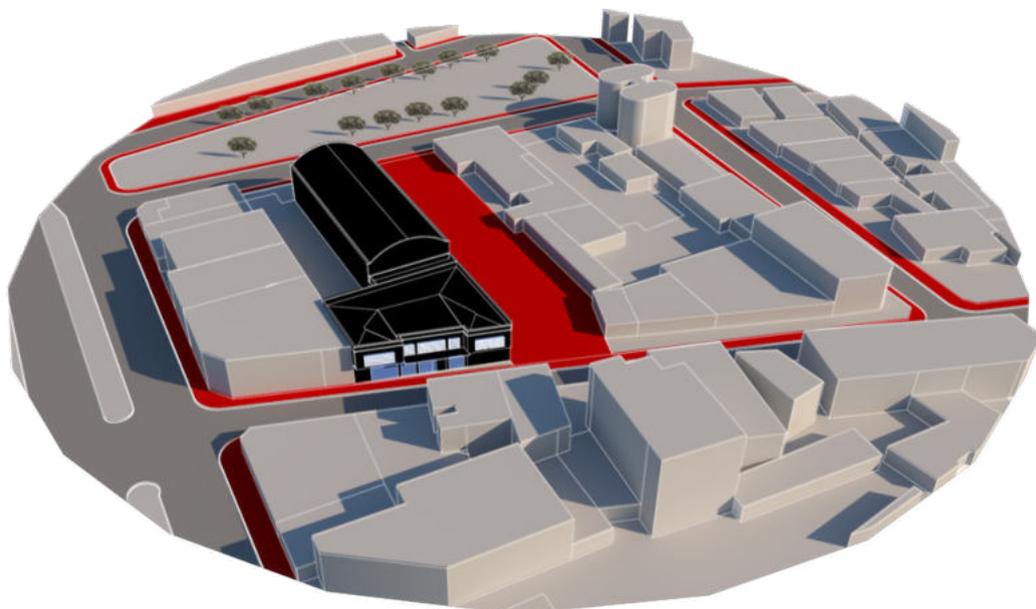
solução também pensada com base nos estudos de referência foi a de um anexo vir acima do antigo edifício, mostrando a dualidade velho e novo. Para a construção dos dois programas a compor o com-

plexo cultural houve a necessidade de desapropriação de alguns dos lotes do entorno do Cine Santa Maria. Esses eram de uso puramente comercial.



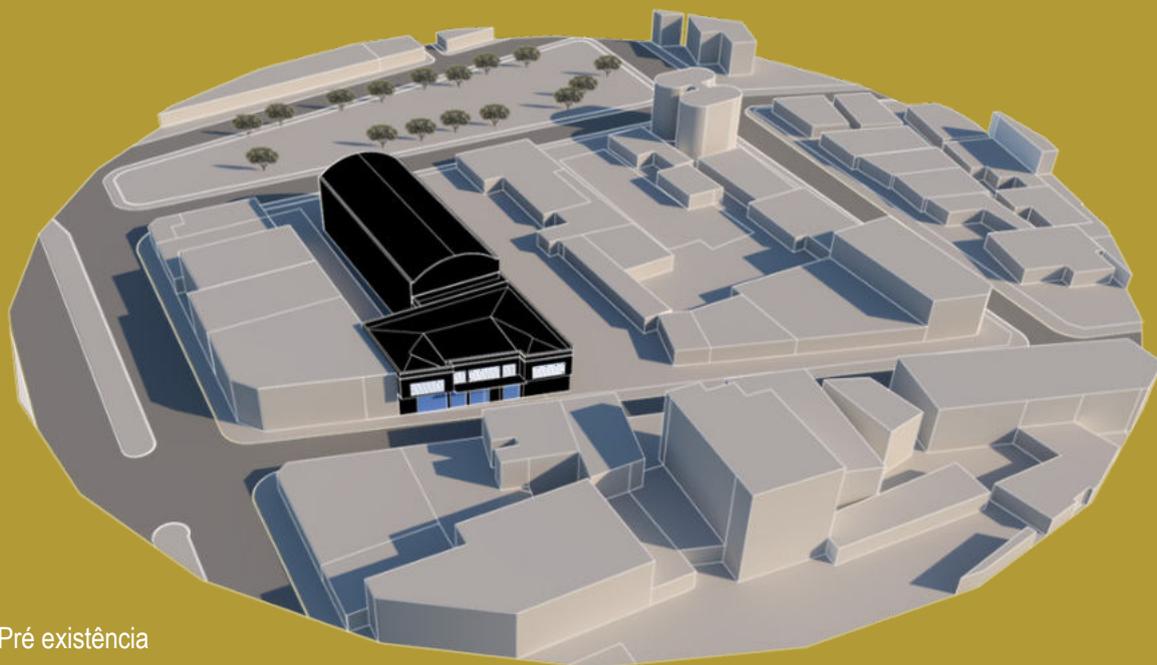
-  Pré existência
-  Construções a serem removidas
-  Vias
-  Entorno

Pensando na circulação de pedestres na travessia ocorre a liberação do lote, possibilitando um respiro no local e uma permeabilidade.



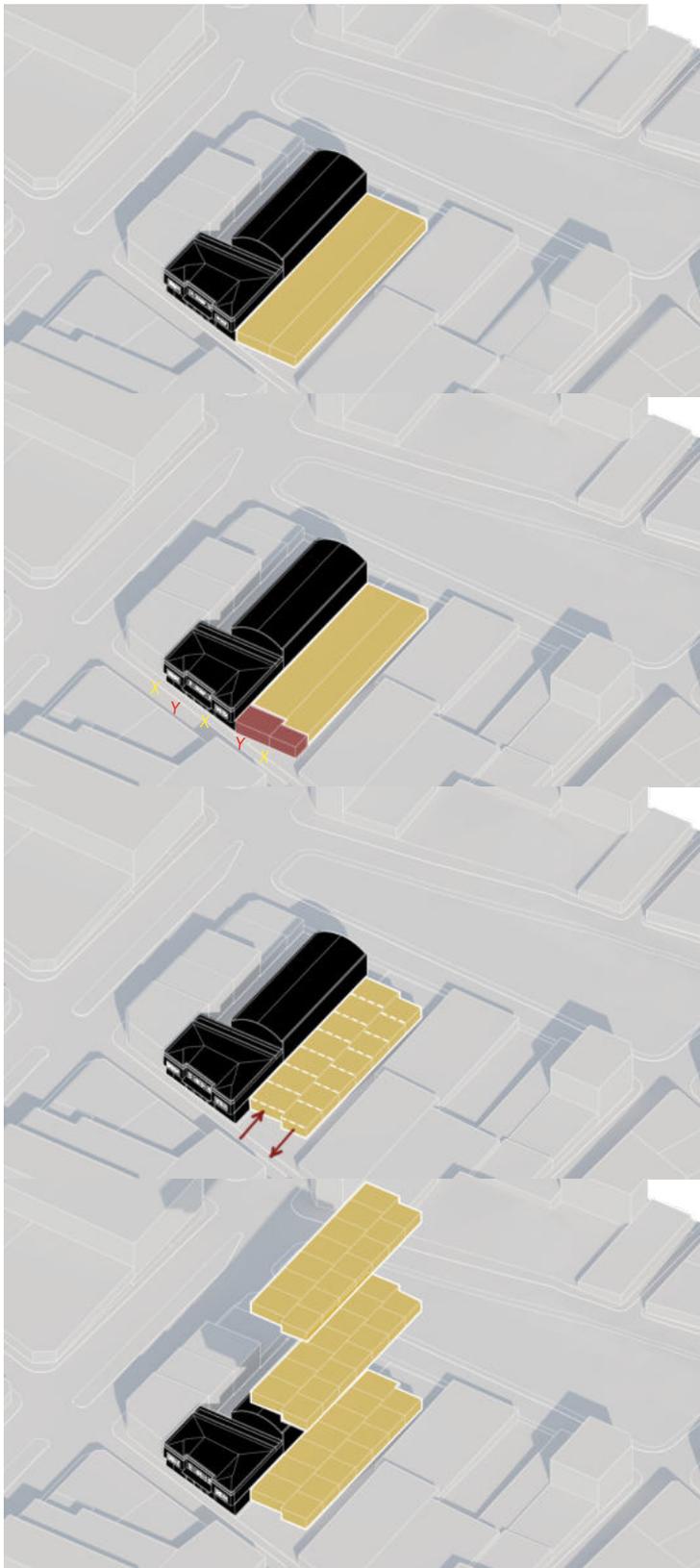
-  Pré existência
-  Construções a serem removidas
-  Vias
-  Entorno

 Circulação



-  Pré existência
-  Construções a serem removidas
-  Vias
-  Entorno

Figuras 59, 60, 61, 62, 63, 64: Desenvolvimento de ideias por meio de volumes. Graficação própria. Fonte: DWG Anápolis.



Pré-existência
 Blocos do anexo
 Parte a ser eliminada

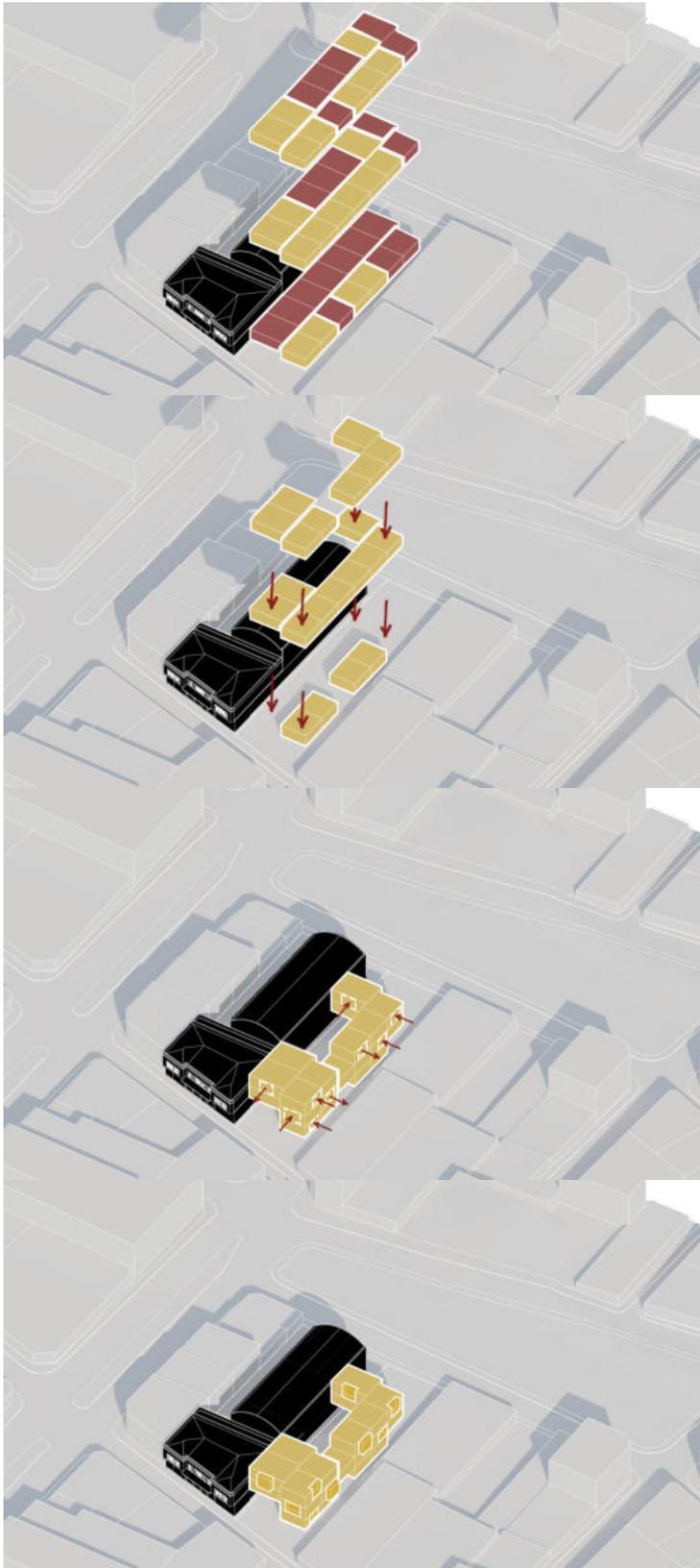
Após o estudo do terreno visando pensar na melhor apropriação do espaço levando em consideração o entorno, o usuário e a permeabilidade, agora parte-se para o estudo das formas que comporão o projeto do complexo cultural.

Na primeira imagem tem-se um bloco único que atravessa o lote, do qual partirão as ideias. Logo após há a remoção de volumes a frente, em vermelho e o afastamento do lado esquerdo dos blocos e uma aproximação do lado direito fazendo referencia ao estudo da fachada e pensando nessas características do estilo *art decó*, voltando as ideais primárias de forma em que se utiliza uma ritmização já existente no edifício e trazendo para o novo, possibilitando uma harmonia. As medidas X e Y se repetirão no novo volume, intercalando-se.

Os blocos únicos se tornam vários bloquinhos que possuem a medida padrão X, Y.

Em seguida há a multiplicação do bloco, gerando a possibilidade de novos pavimentos, ele se repete mais duas vezes.

Figuras 65, 66, 67 e 68: Desenvolvimento de ideias por meio de volumes. Graficação própria. Fonte: DWG Anápolis.



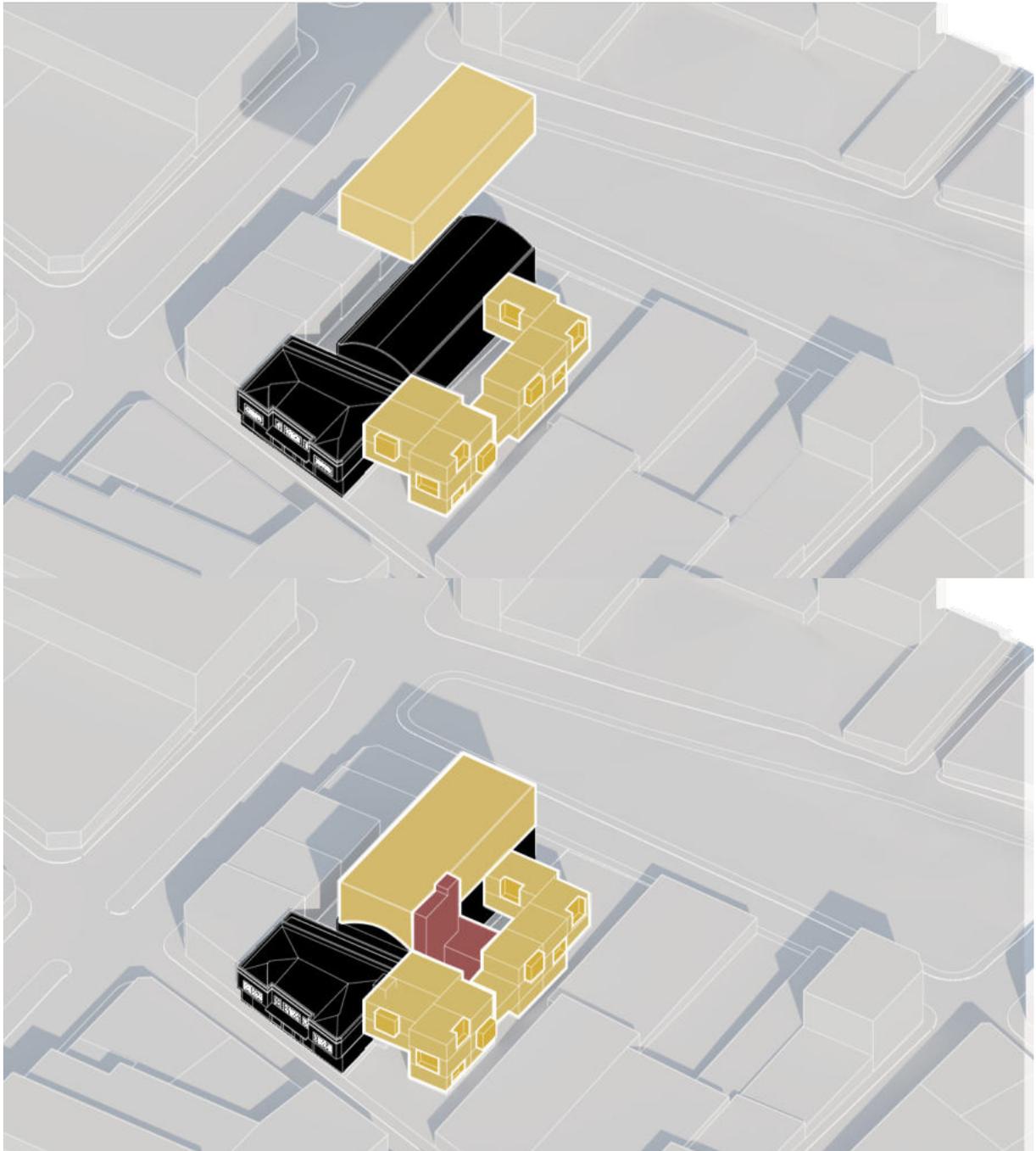
Pré-existência
 Blocos do anexo
 Parte a ser eliminada
 Aberturas

Figuras 69,70, 71, e 72: Desenvolvimento de ideias por meio de volumes. Graficação própria. Fonte: DWG Anápolis.

No próximo diagrama há a subtração de blocos de acordo com a necessidade de permeabilidade e já pensando na circulação e nos programas que virão.

Os blocos multiplicados se unem criando um volume único na paisagem. Sua altura também faz referência a altura da pré-existência. Uma parte se mantém elevada criando o térreo livre para atravessia do lote, onde os pedestres poderão ir e vir, além de possibilitar uma integração com a praça aos fundos.

Aberturas ritmadas são adicionadas no volume, seguindo as mesmas aberturas já vistas no estudo da fachada. Obejtiva intercalar elas com blocos avantajados ou subtraídos, seguindo um padrão.



Há adição de um volume acima do edifício antigo, esse possui as mesmas medidas da parte onde localizava-se a sala de cinema e agora possibilitará mais duas salas para o público.

Por fim tem-se a ligação dos edifícios por meio da circulação vertical com escadas e elevadores. Tornando todos os volumes em um único, no Complexo Cultural Santa Maria..

Pré-existência
 Blocos do anexo
 Circulação
 Aberturas

Figuras 73 e 74: Desenvolvimento de ideias por meio de volumes. Graficação própria. Fonte: DWG Anápolis.

CIRCULAÇÃO

A circulação vertical liga todos os edifícios. No diagrama abaixo apresenta-se além da circulação vertical os caminhos que são possíveis para a circulação horizontal. Todo o caminho que o usuário pode fazer quando estiver nos edifícios.

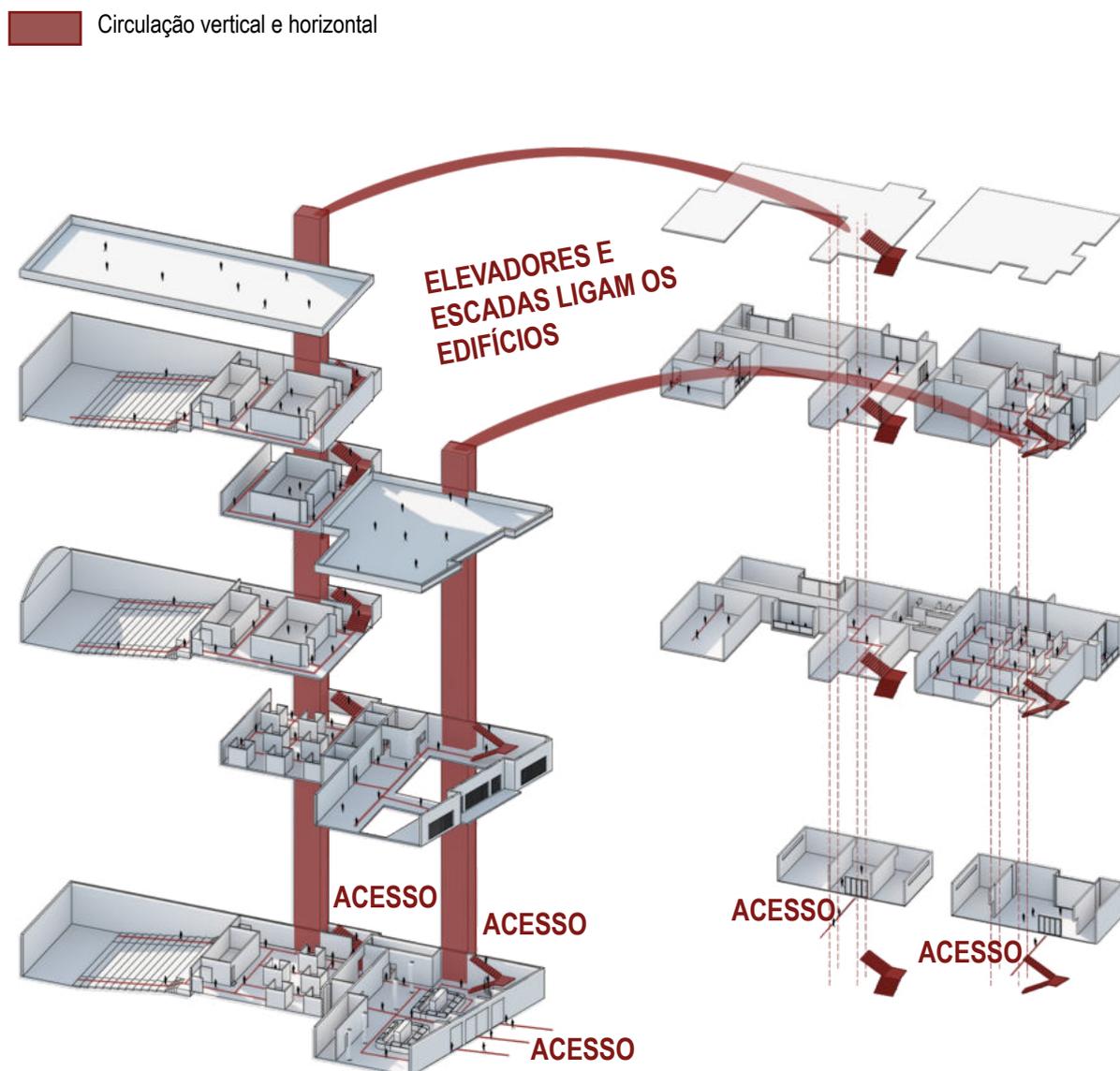
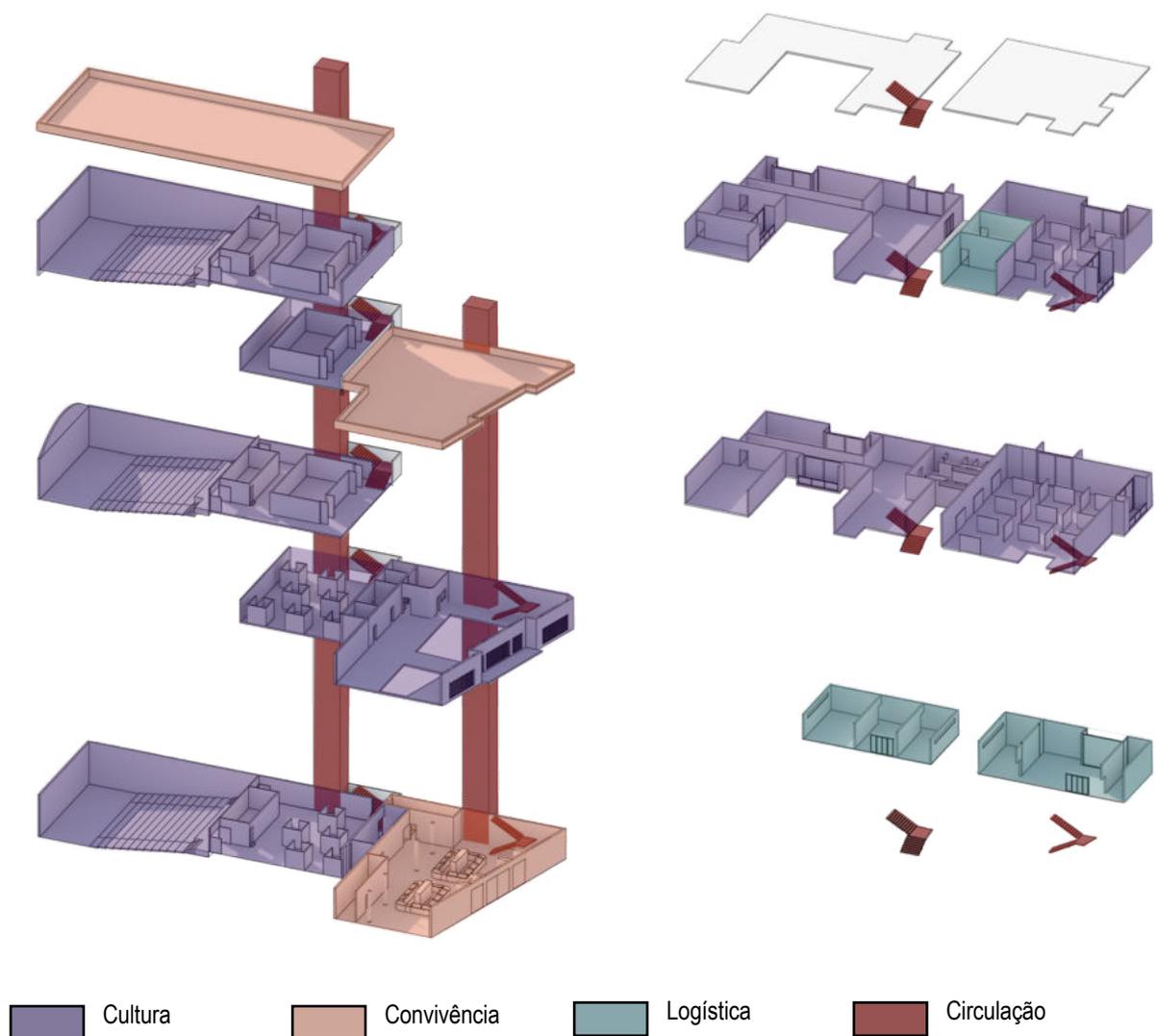


Figura 75: Desenvolvimento de ideias por meio de volumes explodidos. Graficação própria.

SETORIZAÇÃO

O programa que comporá o Complexo tem no edifício pré existente 3 salas de cinema e programações imersivas que precedem essas salas. Contando em sua maior parte com setores culturais. Na entrada haverá uma área para convivência em que estarão as bilheterias e bombonieres, além de uma pequena feira de comidas. Acima do edifício haverá outra parte de convivência, um terraço praça que é dividido em duas partes, uma mais elevada e a outra não, com vários mobiliários lúdicos para o público geral, crianças, jovens e idosos.

Enquanto isso nos anexos haverá a parte de logística de todo o complexo, na região térrea. Acima vem o programa de museu e escola de artes audiovisuais com suas diversas salas.



Figuras 76: Desenvolvimento de ideias por meio de volumes explodidos. Graficação própria. Fonte: DWG Anápolis.

3^o ATO

O PROJETO

O programa que comporá o Complexo Santa Maria tem no edifício pré existente e anexo acrescentado acima 3 salas de cinema e programações imersivas que precedem essas salas. Tal como, cabines com filmes que fazem referência a história da cidade e do país, mas não qualquer filmes, esses serão exibidos propondo uma experiência que simule sensações e que o usuário possa realmente sentir e compreender o que viu. Além disso haverá também, salas com projeções propondo sair um pouco do universo usual e imergir. E também salas com diversas redes e projeções nas paredes de fotos do fotógrafo Garcez.

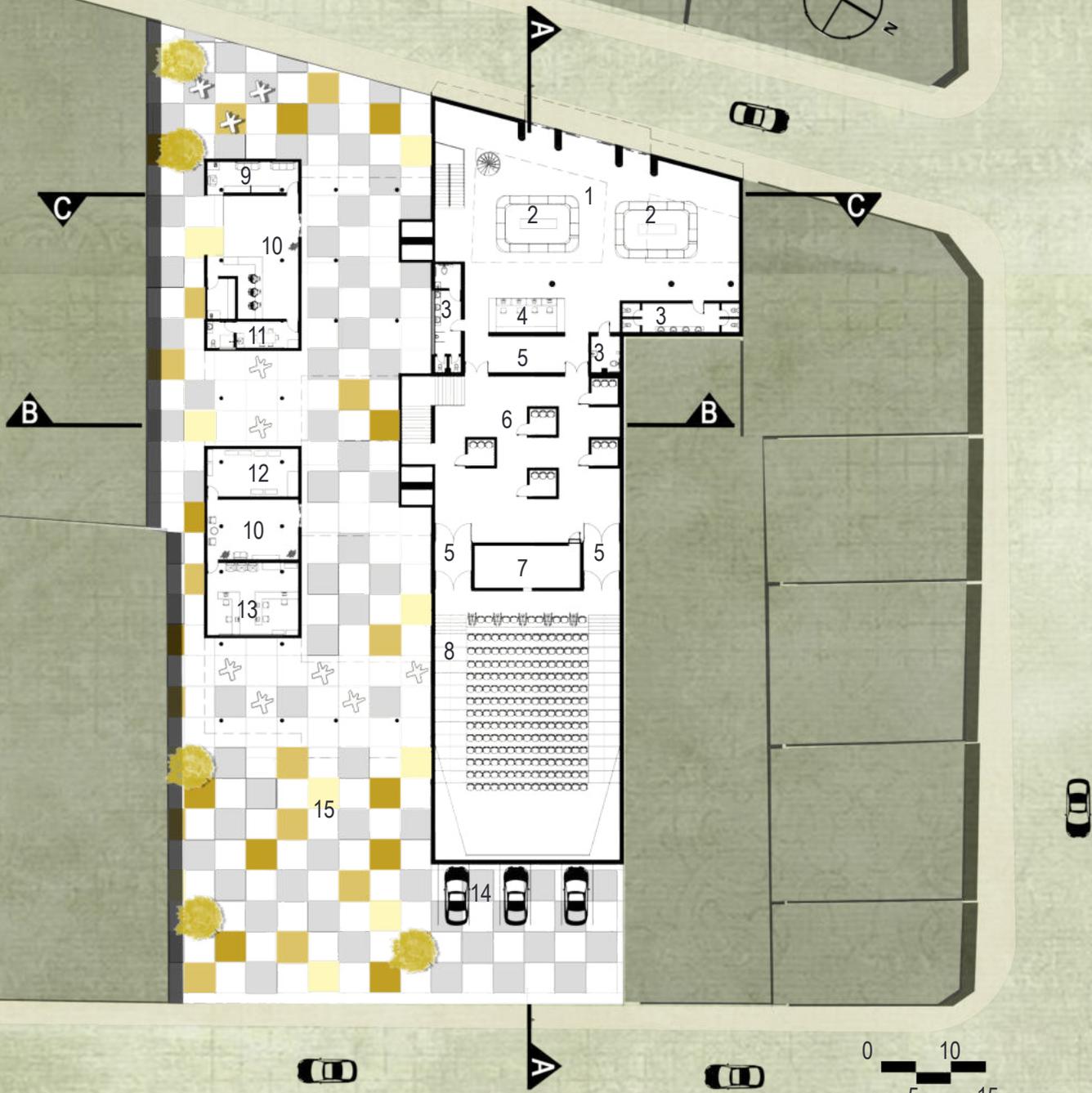
Na outra parte do edifício antigo tem-se uma área de convivência na entrada com bancas de comidas, bomboniere, e a bilheteria.

No pavimento 2 da pré-existência, esse que ainda se mantém conservado em muitos pontos, ocorrerá um museu fazendo referência a época de inauguração do cinema. Com móveis e decoração *art déco*.

Os anexos terão um museu de fotografia e uma escola de artes audiovisuais. Na escola haverá ensinamentos referentes a arte de fotografar, incluindo sala de revelação e estúdio, além de estudos voltados às produções de vídeos.

O museu terá salas de exposições fixas e temporárias. As fixas permanecerão as fotografias de Chiquito Garcez, enquanto nas temporárias serão expostas o produtos dos alunos da escola.

IMPLANTAÇÃO



LEGENDA:

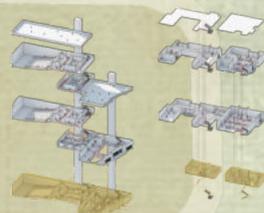
- 1. Salão de entrada
- 2. Bancas de comida
- 3. Banheiros
- 4. Bilheteria
- 5. Antecâmara
- 6. Sala imersiva (cabines)

LEGENDA:

- 7. Cabine de projeção
- 8. Salas de cinema
- 9. Sala funcionários
- 10. Recepção
- 11. Copa e banheiro funcionários
- 12. DML

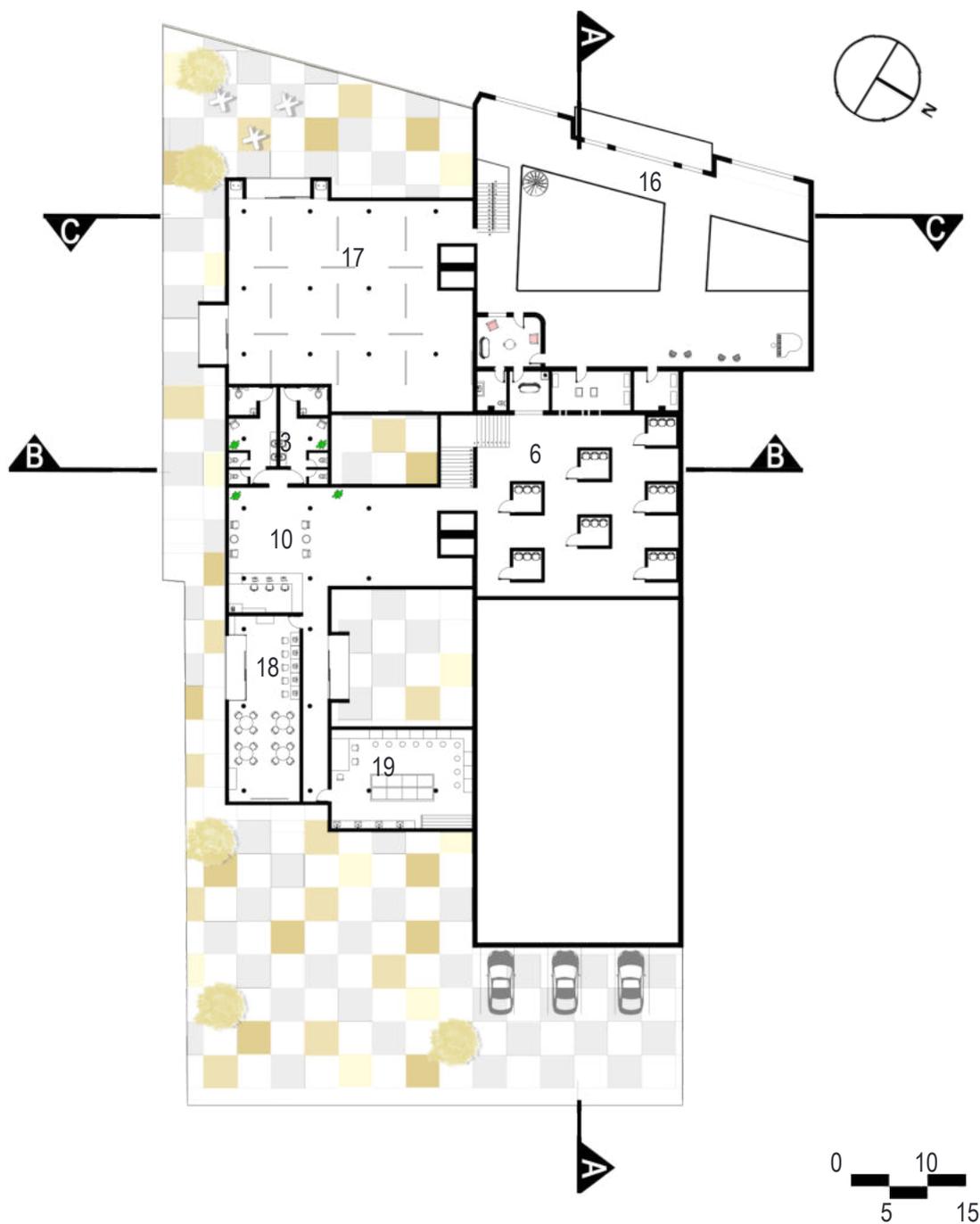
LEGENDA:

- 13. ADM
- 14. Estacionamento
- 15. Praça jardim



você está aqui

PAVIMENTO 1



LEGENDA:

- 16. Museu art decó
- 17. Sala de exposições temporárias
- 18. Sala de audiovisual
- 19. Sala de revelação

PAVIMENTO 2



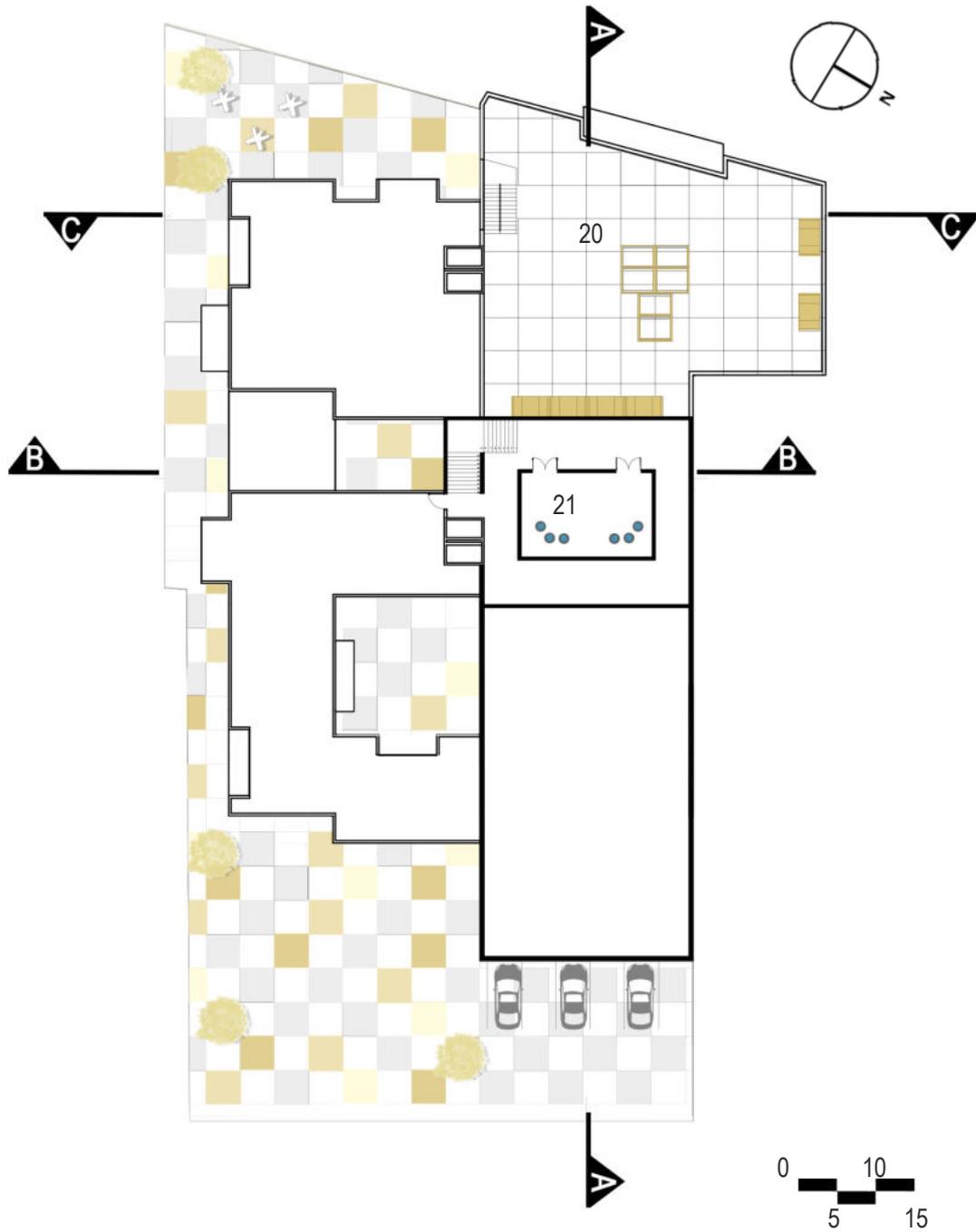
LEGENDA:

- 20. Terraço praça 1
- 21. Sala imersiva (projeções)
- 22. Sala de exposições fixas
- 23. Pátio aberto

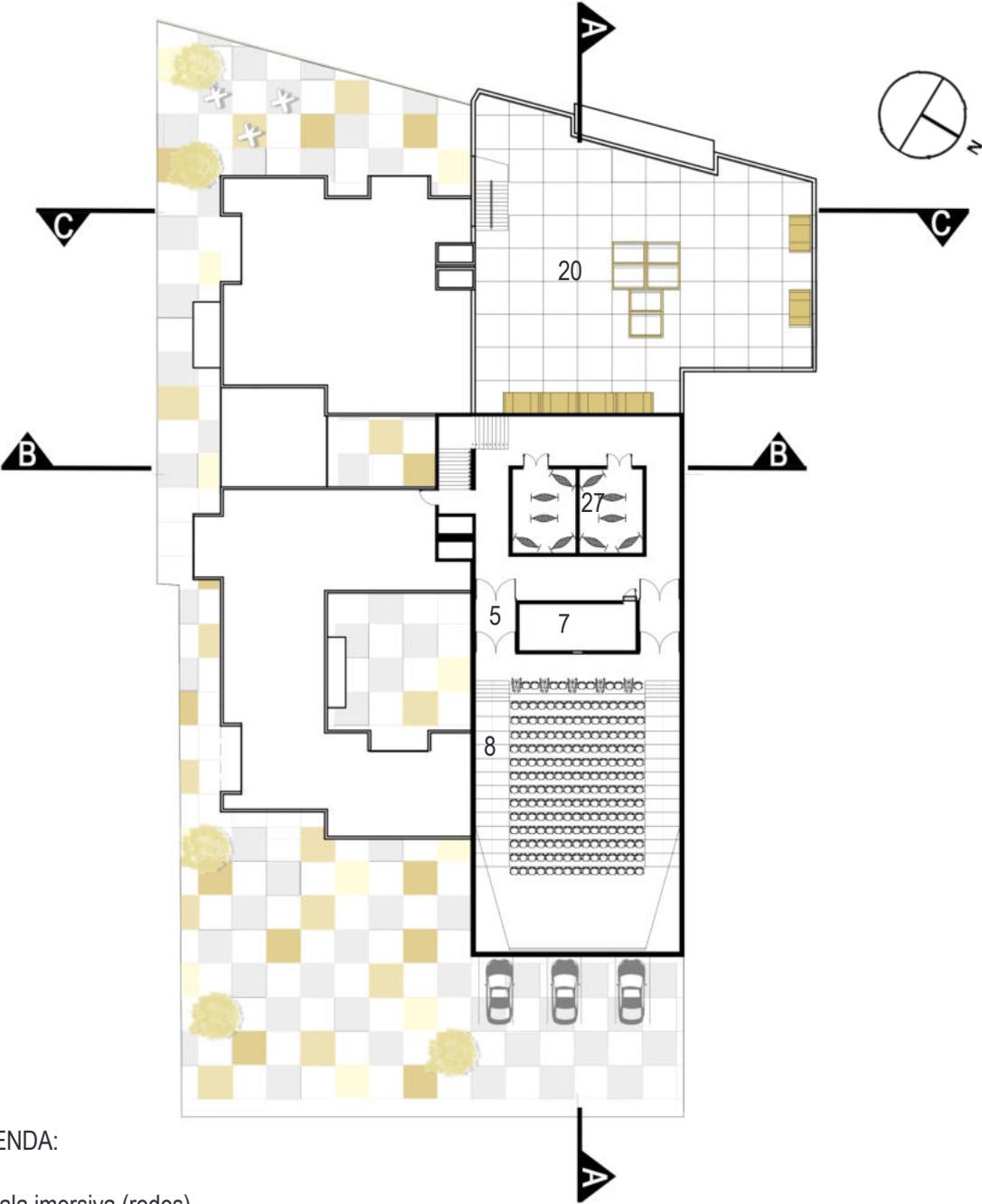
LEGENDA:

- 24. Pátio fechado
- 25. Sala de fotografias
- 26. Estúdio de fotos

PAVIMENTO INTERMEDIÁRIO



IMPLANTAÇÃO



LEGENDA:

27. Sala imersiva (redes)

PAVIMENTO 1

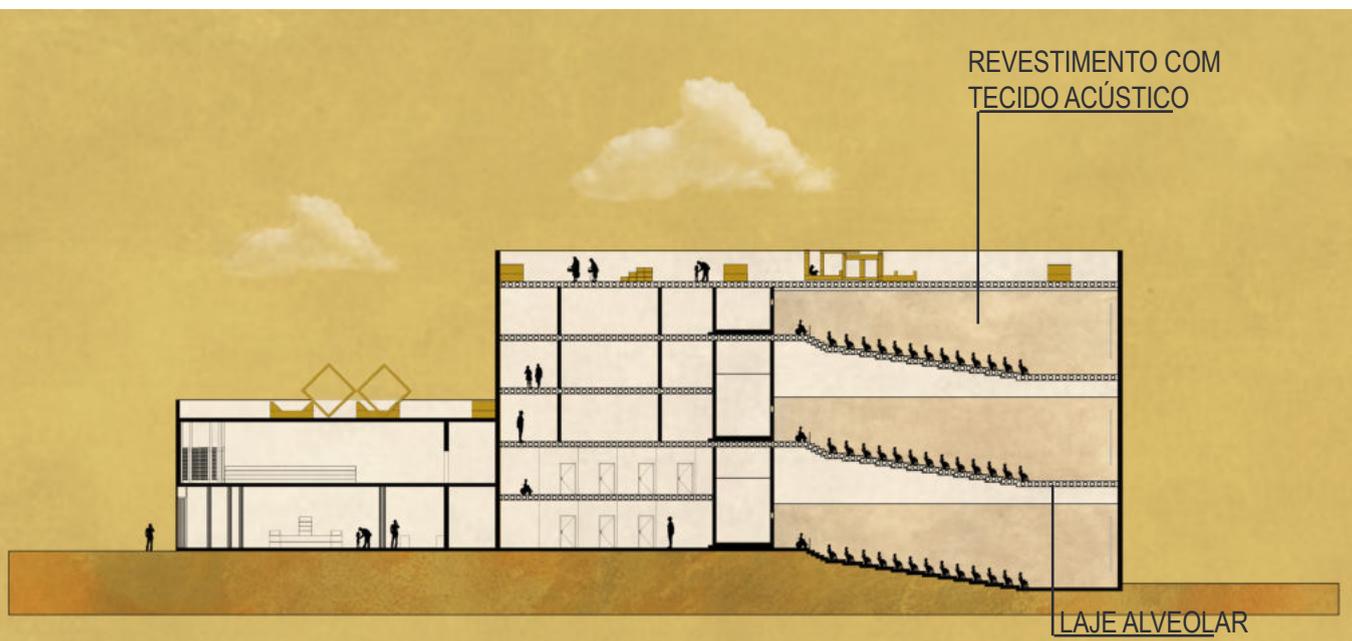


LEGENDA:

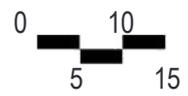
28. Terraço praça 2

CORTES

CORTE AA

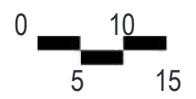


CORTE BB



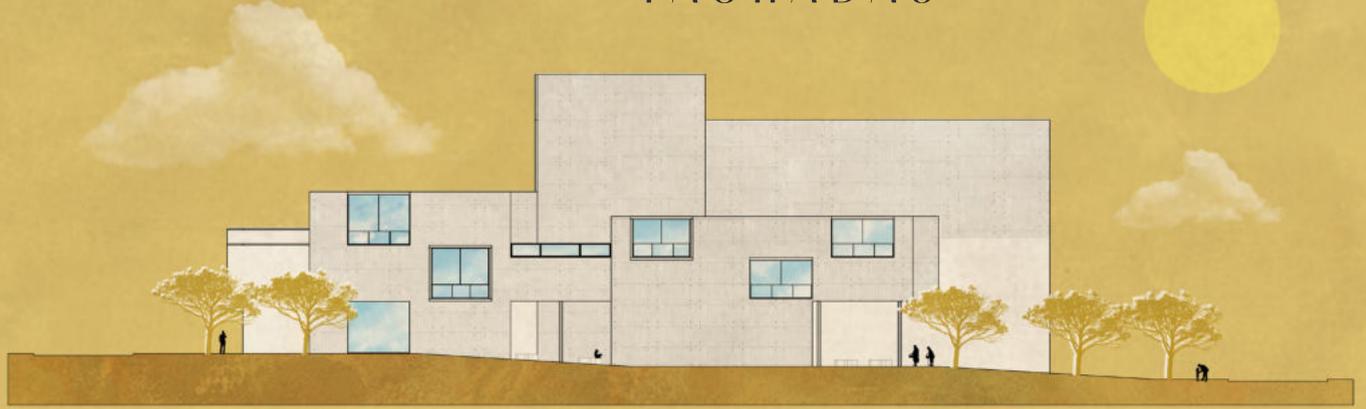


CORTE CC

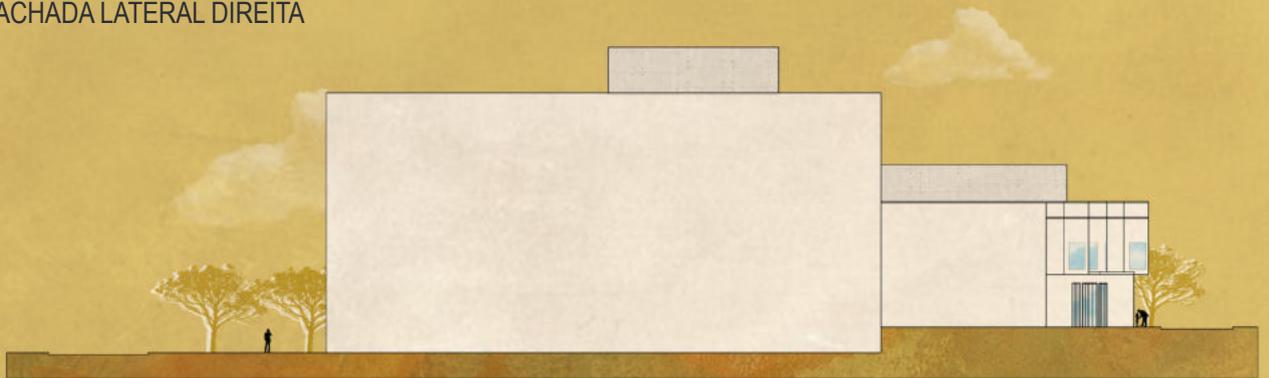


FACHADA LATERAL ESQUERDA

FACHADAS



FACHADA LATERAL DIREITA



FACHADA FRONTAL

CONCRETO APARENTE

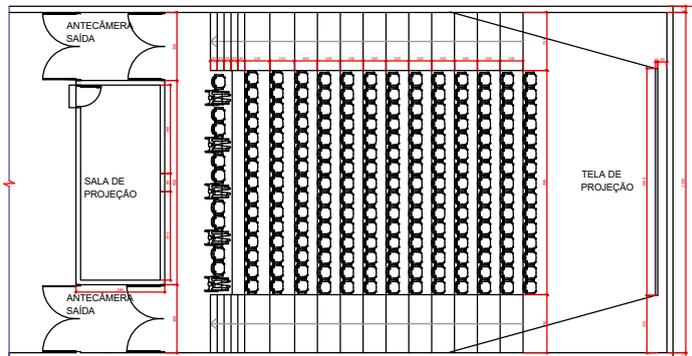
TINTA BRANCA



FACHADA POSTERIOR

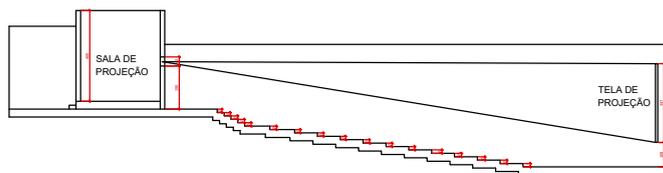


DETALHE SALAS DE CINEMAS



Foram seguidas as normas técnicas relativas às salas de cinema. Escalonamento seguindo todas as medidas, angulação do projetor, distancia da tela, tamanho da cabine de projeção e da tela, entre outras.

PLANTA BAIXA



CORTE



ELEVAÇÃO FRONTAL



ELEVAÇÃO TRASEIRA

RENDER

REPRESENTAÇÃO SALA DE CINEMA



REPRESENTAÇÃO SALA IMERSIVA REDES



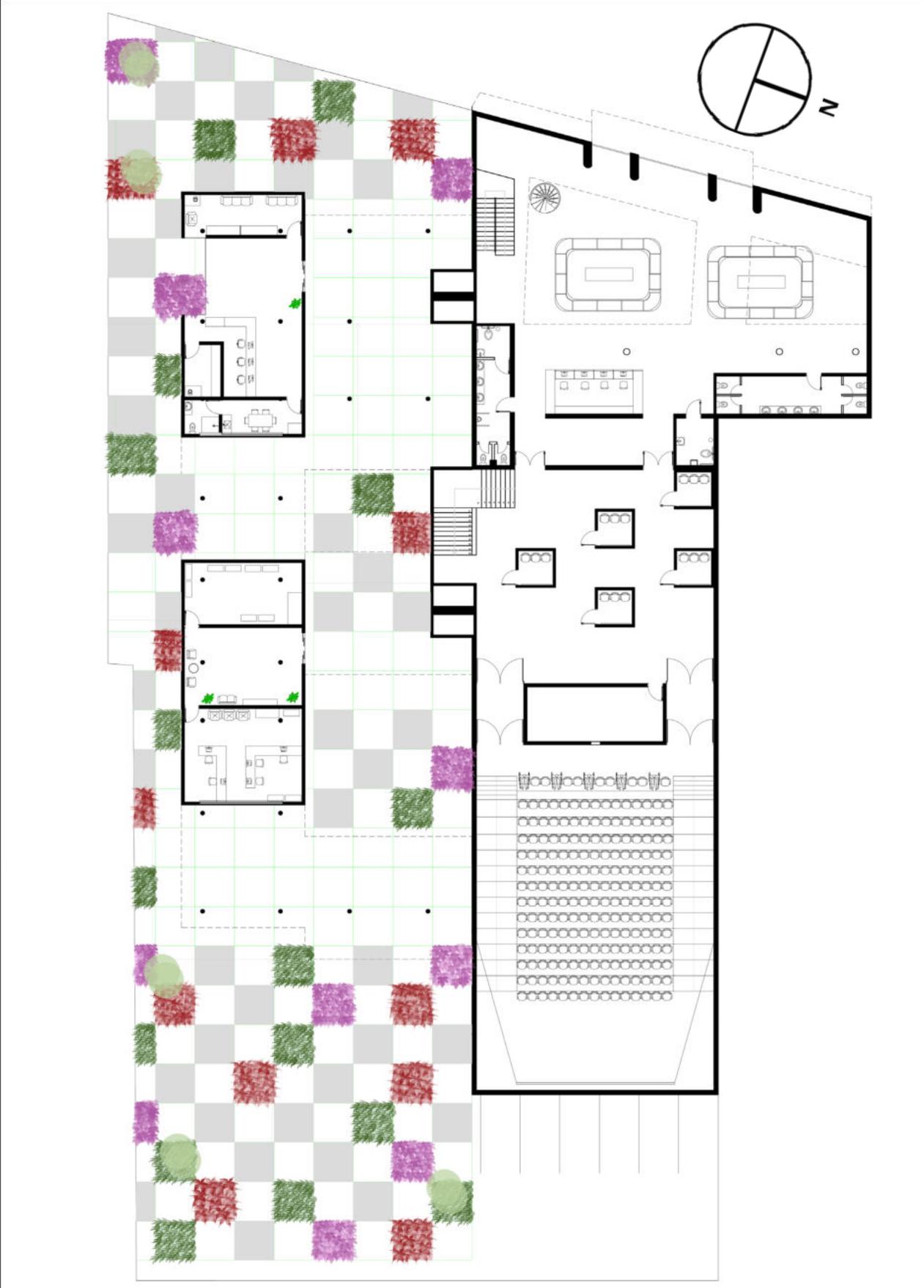
REPRESENTAÇÃO EXTERNA FACHADA POSTERIOR



REPRESENTAÇÃO EXTERNA FACHADA POSTERIOR



PAISAGISMO



PAISAGISMO



Gramma Amendoim (*Arachis repens*)



Gramma-amendoim *Arachis repens*

Nome botânico: *Arachis repens* Handro

Nome popular: grama-amendoim, amendoim-rasteiro

Angiospermae – Família Faboideae

Origem: nativa brasileira

Planta herbácea perene, rasteira, com altura em torno de 20 a 25 cm de altura, muito ramificada, com entrenós marcados.



Falsa Érica (*Cuphea gracilis*)



Nome botânico: *Cuphea gracilis* Kunth Sin.: *Cuphea multicaule* Koehne, *Cuphea gracilis* var. *media* Koehne.

Nomes Populares : Falsa érica, cuféia.

Família: Angiospermae – Família Lythraceae.

Origem: Nativo brasileira.

Planta herbácea perene de altura até 0,30 m muito ramificada, forma arredondada. As folhas são verdes, estreitas e pequeninas.



Forração Periquito (*Alternanthera dentata*)



Nome Botânico: *Alternanthera dentata* Stu. & R.E. Fries

Nomes Populares : Periquito

Família : Angiospermae – Família Amaranthaceae

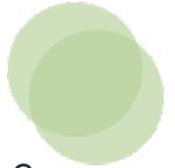
Origem: Nativa brasileira.

Planta herbácea rasteira ou prostrada de altura média de 0,45 metros, folhagem avermelhada muito decorativa.

PAISAGISMO



Pequizeiro (*Caryocar brasiliense*)



Ocorrência – São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás.

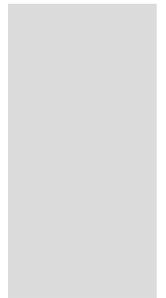
Outros nomes – piqui, pequizeiro, piquiá bravo, amêndoa de espinho, grão de cavalo, pequiá, pequiá pedra, pequerim, suari, piquiá.

Características

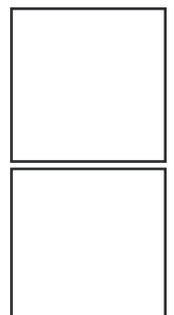
Árvore semidecídua com 6 a 10 m de altura, com tronco tortuoso de 30 a 40 cm de diâmetro.



Blocos de concreto



Concreto permeável



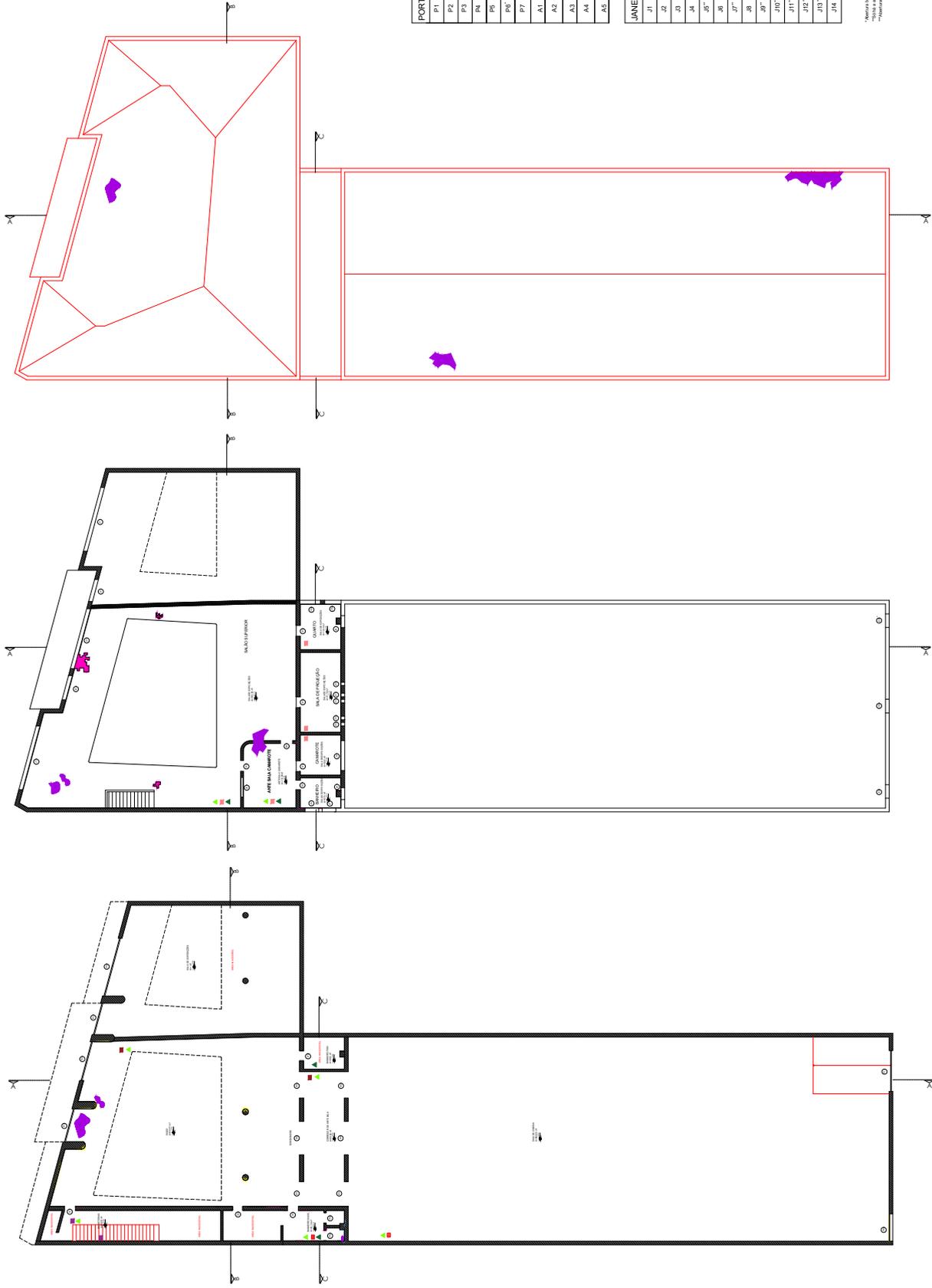
ESTRUTURA



Estrutura dos anexos convencional, formado por viga, pilar e laje.

REFERÊNCIAS

- AIDAR, Laura. História do Cinema Brasileiro. 2019. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/historia-do-cinema-brasileiro/>>. Acesso em: 15 de set. 2019.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas v.1)
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BEZERRA, Juliana. História do Cinema. 2019. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/historia-do-cinema/>>. Acesso em: 15 de set. 2019.
- BORGES, Humberto Crispim. **História de Anápolis**. Goiânia: Kelps, 2011.
- FERREIRA, Haydée Jayme. **Anápolis: sua vida, seu povo**. Brasília: Senado Federal, 1979.
- GONÇALVES, Renata. Walter Benjamin E A Importância Do Cinema Na Modernidade. “Existência e Arte”-Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei – Ano IV - Número IV – janeiro a dezembro de 2008.
- LEFEBVRE, Henri. **Introduction to Modernity: twelve preludes**, September 1959 – May 1961. London, New York: Verso, 1995.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- LEITE, Jairo Alves; ALVES, Ronivaldo Pereira. Foto Garcez: uso da fotografia como recurso pedagógico para o curso de história. Anápolis, 2014. 35 p. Monografia (Pós-graduação em Docência Universitária). Faculdade Católica de Anápolis.
- LEITE, Ricardo Lage. Evolução dos cinemas em Anápolis: final da Década de 1920 a meados de 1950. Caderno de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”, Ano 2, nº. 1. Anápolis, Go, 2010.
- MANSO, Celina Fernandes Almeida. **Goiânia arte déco: acervo arquitetônico e urbanístico – dossiê de tombamento**. Goiânia, SEPLAN, 2004.
- MATIAS, Keidy Narely Costa. “Introdução à modernidade”: notas sobre os conceitos demodernidade e modernismo em Henri Lefebvre. Rio Grande do Norte, 2018.
- NETO, Passos Anderson. Hollywood - MetrÓpole, Modo de Vida e o Art Déco. São Paulo, 2005. Patrimônio Histórico e Cultural JanMagalinsk, Anápolis- GO, 2018.
- POLONIAL, Juscelino. **Ensaio sobre a história de Anápolis**. Anápolis: AEE, 2000.
- RIVERA, David. **La OTRA arquitectura MODERNA**. Barcelona: Editorial Reverté, 2017.
- SEVCENKO, Nicolau. **A Corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SILVA, Luiz Eduardo Rosa. Cine Imperial e Cine Santana: o auge do Cine Theatro em Anápolis Goiás (1936 a 1960). ANAIS – IX Colóquio de História e Imagens – ISSN 2447 -6676, Goiânia, Go, 2019.
- VARGAS; MELLO, 2014. A Utilização de ornamentos do movimento Art Déco, em fachadas na cidade de Anápolis, Go. Goiânia, 2014.



QUADRO DE ABERTURAS

PORTA	DIMENSÕES		MATERIAL	TIPO	QTDE
	LARGURA	ALTURA			
P1	2,53	3,28	AÇO	ABRIR	1
P2	2,95	3,28	AÇO	ABRIR	1
P3	2,36	3,28	VIDRO	FIXA	1
P4	4,41	3,28	VIDRO	CORREER	1
P5	0,74	2,10	MADEIRA	ABRIR	2
P6*	2,00	2,00	-	-	1
P7	3,00	2,53	FERRO	ABRIR	1
A1	0,90	2,10	-	-	7
A2	0,70	2,10	-	-	2
A3	1,83	2,20	-	-	2
A4	2,45	2,20	-	-	2
A5	1,96	2,20	-	-	2

JANELA	DIMENSÕES		MATERIAL	TIPO	QTDE	
	LARGURA	ALTURA				
J1	4,95	2,06	FERROVIDRO	FIXA	2	
J2	1,90	2,06	FERROVIDRO	FIXA	1	
J3	4,96	2,06	FERROVIDRO	FIXA	1	
J4	1,71	2,06	FERROVIDRO	FIXA	1	
J5*	1,45	1,15	1,00	-	2	
J6	1,00	1,48	ALUMINIOVIDRO	BASCULANTE	1	
J7*	1,00	1,17	1,97	-	1	
J8	0,92	0,92	1,60	FERRO	FIXA	2
J9*	2,30	1,10	0,85	-	1	
J10*	0,25	0,25	1,30	-	3	
J11*	0,25	0,25	1,05	-	2	
J12*	1,50	1,20	1,45	-	1	
J13*	1,20	1,00	1,62	-	1	
J14	1,00	1,00	7,43	-	1	

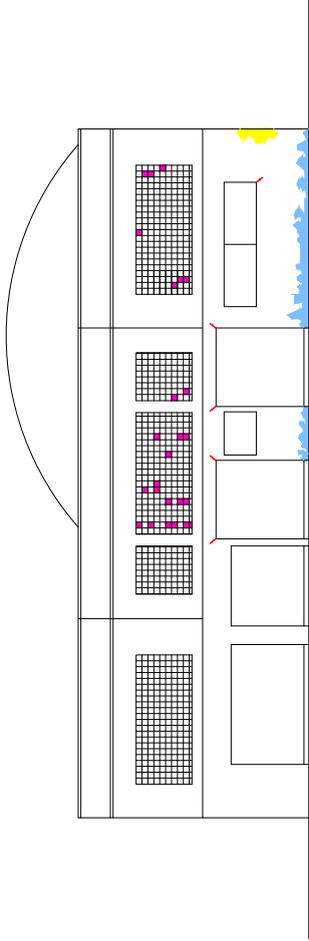
*Materiais não especificados em normas técnicas.
 *Indica abertura com fechamento automático, operado por meio de dispositivo de controle.

1 PLANTA TÉRREO
 ESC- 1:150

2 PLANTA PAVIMENTO 1
 ESC- 1:150

3 PLANTA COBERTURA
 ESC- 1:150

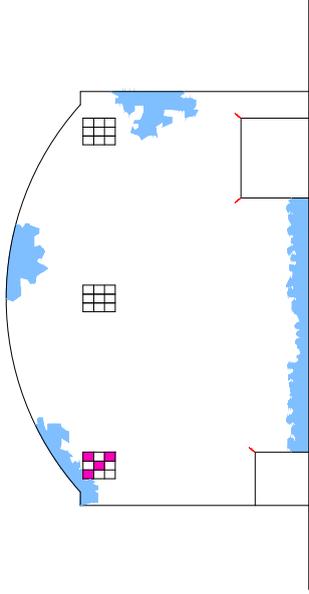
PLANTA DE DANOS



4 FACHADA FRONTAL

ESC- 1:100

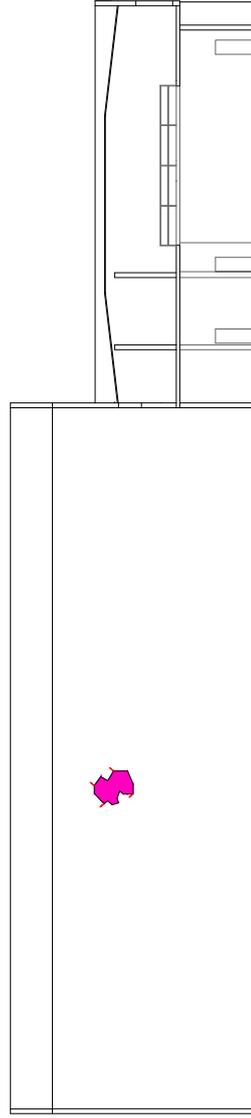
4



5 FACHADA POSTERIOR

ESC- 1:100

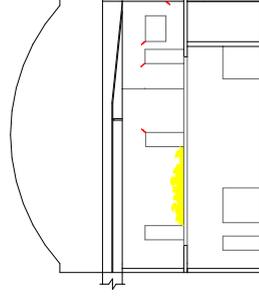
5



6 CORTE AA

ESC- 1:150

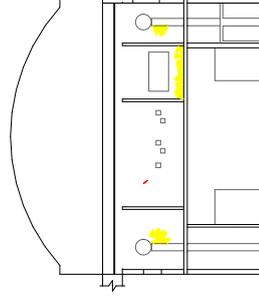
6



7 CORTE BB

ESC- 1:150

7



8 CORTE CC

ESC- 1:150

8

PLANTA DE DANOS

TÍTULO: CINE SANTA MARIA

ALUMNOS: ANA PALLA OLIVEIRA FARIA

ORIENTADORAS: MARIA TEREZA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIAS | ARQUITETURA E URBANISMO

PROJ. DATA: 2020

BOCA

02/02